



TRAJETÓRIAS POLÍTICAS E FUTURO DAS MULHERES NÃO ELEITAS:

EXISTE VIDA APÓS A ELEIÇÃO?

NOVEMBRO DE 2023



COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA:

Hannah Maruci e Laura Astrolabio

PESQUISADORA:

Vanilda Chaves

REVISÃO TÉCNICA:

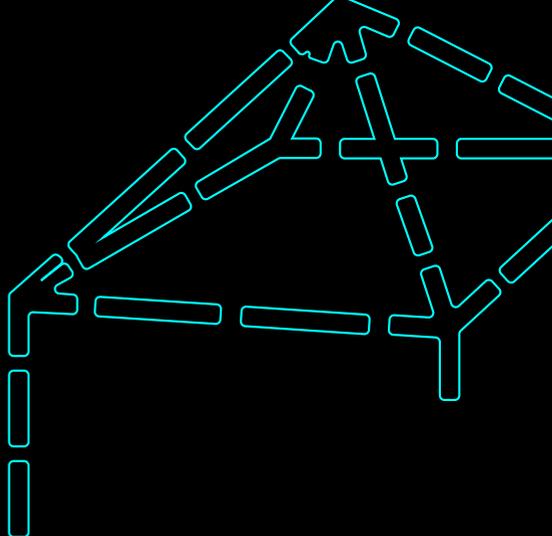
Hannah Maruci e
Laura Astrolabio

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN:

Júlia Rocha

EDIÇÃO:

Hannah Maruci e Laura Astrolabio



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trajetórias políticas e futuro das mulheres não eleitas [livro eletrônico] : existe vida após a eleição? / coordenação geral da pesquisa Hannah Maruci Aflalo, Laura Astrolabio. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-26605-3

1. Eleições - Brasil 2. Mulheres na política - Brasil 3. Mulheres - Direitos 4. Mulheres - Participação política I. Aflalo, Hannah Maruci.
II. Astrolabio, Laura.

24-243752

CDD-323.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Participação política : Brasil :
Ciência política 323.4

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

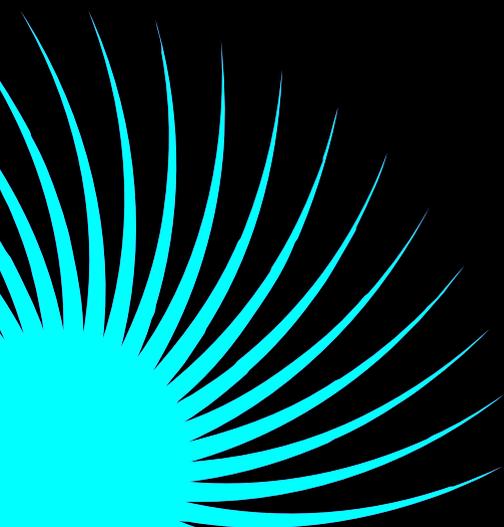
SIGA AS NOSSAS REDES:

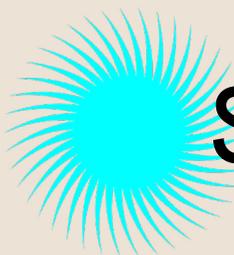
 @instadatenda

 A Tenda das Candidatas

Acesse o nosso site:

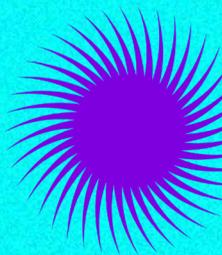
<https://atendadascandidatas.org/>





SUMÁRIO

CARTA DE ABERTURA	4
INTRODUÇÃO	6
1. MAPEAMENTO NO BRASIL E EXTERIOR SOBRE INICIATIVAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA PARA MULHERES	14
1.1 As iniciativas de formação política eleitoral partidária.....	14
1.2 Iniciativas brasileiras e internacionais: mais do que ensinar sobre política, ensinam a fazer a política no dia a dia.....	17
2. A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE DE MULHERES NA POLÍTICA	22
2.1 A importância da formação continuada	22
2.2 A atuação d'A Tenda das Candidatas no momento pós-eleições 2022 para mulheres não eleitas	26
3. VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO E RAÇA E SUB-FINANCIAMENTO ELEITORAL	31
3.1 Formação Pós-Eleições: dados de violência política de gênero e raça	34
4. FORMAÇÃO PÓS-ELEIÇÕES 2022 D'A TENDA: DADOS E DEPOIMENTOS.....	40
4.1 Perfil das mulheres atendidas pel'A Tenda das Candidatas.....	40
4.1.2 Candidatas não-eleitas 2022: liderança política e eleições	43
4.2 Depoimentos das mulheres que passaram pela formação pós-eleições	46
4.2.1 Depoimentos sobre a formação.....	47
4.2.2 Depoimentos sobre o pós-eleições e a formação d'A Tenda das Candidatas	50
5. TRAJETÓRIA E CAPITAL POLÍTICO DAS MULHERES QUE JÁ DISPUTARAM ELEIÇÕES	56
5.1 Mulheres atendidas pel'A Tenda que atingiram a suplência.....	56
5.2. Mulheres atendidas pel'A Tenda em 2021/2022 que não venceram as eleições, mas ganharam capital político.....	62
CONCLUSÃO.....	66
O que A Tenda das Candidatas representa.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72



CARTA DE ABERTURA

A TENDA DAS CANDIDATAS é um projeto que reúne várias frentes de atuação em prol dos direitos políticos das mulheres, sobretudo daquelas que fazem parte de grupos historicamente marginalizados, como é o caso das mulheres negras, PCD, LBTQIAP+, quilombolas e indígenas.

Nessa linha, atuamos com formação para capacitar lideranças defensoras dos direitos humanos para a política eleitoral-partidária, aquelas que estão dispostas a contribuir para o combate à sub-representação de mulheres na política, colocando seus corpos em praça pública durante as campanhas eleitorais na disputa para ocupar espaços de onde saem as decisões que impactam diretamente suas vidas.

Num país como o Brasil, em que os índices de violência política de gênero e raça são altíssimos, é um ato político de muita coragem o fato de ser mulher e acumular outras opressões além de gênero, e se colocar nessa disputa, que é legítima, mas que ainda não garante segurança para seus corpos.

Diante dessa situação, muitas mulheres que concorrem nas eleições e não são eleitas relatam se sentirem humilhadas, com a sensação de terem fracassado e com vontade de deixarem a política. Por esse motivo, entendendo que as eleições de 2022 foram as mais violentas desde a redemocratização, A Tenda idealizou uma formação pós-eleições para não eleitas, com o objetivo de fazê-las acreditar que é possível, apesar de tudo, se manterem na arena política-eleitoral. O objetivo é ressignificar o resultado da não eleição como parte de um processo político, e não como um fracasso. Não ser eleita não significa que não houve vitórias e o que queremos é justamente ressaltar essas conquistas.

Falamos de um campo majoritariamente masculino, cisgênero, héterossexual e comandado, em regra, por homens, que por motivos do fenômeno da divisão sexual e racial do trabalho, acúmulo de capital político, social e financeiro herdado, vivem em progressiva ascensão política, sobrerrepresentados nos espaços de poder, decidindo sobre vidas que não conhecem, porque não vivem, não viveram e nunca viverão enquanto estivermos sob o manto das desigualdades de gênero, raça e classe que os beneficiam.

A formação Pós-eleições para Não eleitas d'A Tenda, a única de que temos notícia até o momento, foi uma forma de tentar mantê-las em rede, se apoiando após o que elas acreditavam ser uma derrota - crença difundida mesmo entre aquelas que alcançaram a suplência -, quando na verdade, além de grande experiência e ato político de extrema coragem, foi

um momento crucial de captação de capital político, haja vista que numa campanha se impõe o diálogo de forma mais direcionada com a sociedade e em praça pública. Além disso, a formação pós-eleições para não eleitas foi um momento de aparar as arestas, entender o que pode e deve ser melhorado numa campanha eleitoral, compartilhamento de erros e acertos para o fortalecimento para as próximas campanhas que virão.

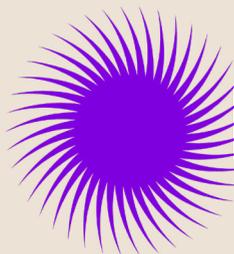
Foi a partir dessa experiência com candidatas que não se elegeram, apesar de tudo o que fizeram dentro dos limites que lhes são impostos, que entendemos sobre a necessidade de lançar a presente pesquisa, cujo objetivo é contribuir para as análises a respeito da sub-representação política de mulheres, sobretudo das mulheres negras, que representam 28% da população e que no quadriênio 2019-2022 ocupavam apenas 13 das 513 cadeiras na Câmara dos Deputados. Já nas eleições de 2022, das 91 mulheres eleitas para a Câmara dos Deputados, apenas 29 foram mulheres negras. O que pretendemos demonstrar é a importância de formações que têm como objetivo capacitar para a política eleitoral-partidária mulheres que fazem parte de grupos historicamente marginalizados, que essas formações precisam ser continuadas, desmistificar a suplência como derrota, que essas mulheres precisam de apoio no pós-eleições para que quadros políticos importantes não se desmotivem, como esse tipo de formação pós-eleições acaba por motivando a permanência na disputa e também os principais obstáculos enfrentados por essas mulheres no período eleitoral que podem ter impedido o alcance de uma vaga como parlamentar.

Por fim, **esperamos que a presente pesquisa possa contribuir para que sejam pensadas políticas públicas de combate à sub-representação de mulheres na política**, sobretudo as mulheres que fazem parte de grupos historicamente marginalizados, assim como para que no ecossistema das organizações da sociedade civil seja possível pensar, coletivamente, construções para o alcance de uma política de inclusão que não tenha outro objetivo que não seja o fortalecimento da nossa democracia representativa.

ABRAÇOS DE ESPERANÇA, LAURA ASTROLABIO¹ E HANNAH MARUCI²

1 Laura Astrolabio é advogada desde 2004, especialista lato sensu em direito público (UCAM), mestre de políticas públicas em direitos humanos (NEPP-DH-UFRJ), co-idealizadora e co-diretora executiva d'A Tenda das Candidatas, autora do livro "Vencer na vida como ideologia: meritocracia, heroísmo e ações afirmativas", co-autora do livro "Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil" e conselheira política do movimento Mulheres Negras Decidem.

2 Hannah Maruci é Mestra e Doutora em Ciência Política(USP), co-idealizadora d'a Tenda das Candidatas, co-autora do livro Candidatas em jogo: um estudo sobre os impactos das regras eleitorais na inserção de mulheres na política e do guia Orçamentos Sensíveis a Gênero e Raça.



INTRODUÇÃO

No mundo, há um quadro sistemático de sub-representação de mulheres na política, em especial nos âmbitos legislativos. De acordo com dados do Inter-Parliamentary Union (IPU) (abril de 2023), 26,8% das Câmaras baixas (ou únicas) e 26,5% das Câmaras altas são compostas por mulheres.³ Os congressos americanos somam o maior percentual mundial de mulheres, com 34,6%, enquanto outros continentes têm percentuais ainda mais baixos: na Europa elas somam 31,1%, na África são 27,7% e na Ásia representam 21,6% dos congressos.⁴

No Brasil, as deputadas federais representam 17,7% dos eleitos em 2022. Comparado a outros países latino-americanos, como Nicarágua (51,7%), México (50%), Costa Rica (47,4%) e Bolívia (46,2%), que estão entre os países com mais mulheres nos congressos mundiais, o Brasil apresenta resultados bem aquém do esperado para superação da sub-representação de mulheres na política⁵. Já Panamá (22,5%), Guatemala (19,4%) e Paraguai (18,8%) possuem percentuais mais baixos, parecidos com o do Brasil.⁶ O cenário de baixa participação de mulheres em espaços de representação política coloca o Brasil na 131ª posição no ranking de 185 países da IPU, ficando atrás de todos os países latino-americanos, entre os quais destacam-se Nicarágua (3º lugar), México (4º lugar), Costa Rica (8º lugar) e Bolívia (11º lugar) que são países onde as mulheres têm as participações mais elevadas no mundo.

3 Essa distinção ocorre porque há diferentes modalidades de divisão do Poder Legislativo. Há países que são unicamerais, isto é, possuem somente uma casa legislativa, e aqueles que são bicamerais, ou seja, o legislativo é dividido em duas casas legislativas. Este é o modelo adotado no Brasil, em que o Congresso Nacional é composto por uma Câmara baixa, representada pela Câmara dos Deputados, e uma Câmara alta, equivalente ao Senado. Cf. AVRITZER, Leonardo; ANASTASIA, Fátima. Reforma política no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, 271 p.

4 Para este cálculo, o IPU considera os percentuais de mulheres nas câmaras baixas ou únicas dos países da América do Norte, América Central, América do Sul e do Caribe. IPU Parline. Disponível em: <https://data.ipu.org/women-averages?month=4&year=2023>. Acesso em 26 mai. 2023.

5 Outros países da região com representação média (entre 45% e 25%) são Argentina (44,8%), Peru (38,8%), Equador (38,7%), Chile (35,5%), Colômbia (28,9%), República Dominicana (27,9%), El Salvador (27,4%), Honduras (27,3%) e Uruguai (26,3%). Cf. IPU Parline. Disponível em: <https://data.ipu.org/women-ranking?month=4&year=2023>. Acesso em: 26 mai. 2023.

6 IPU Parline. Monthly ranking of women in national parliaments. Disponível em: <https://data.ipu.org/women-ranking?month=4&year=2023>. Acesso em: 26 mai. 2023.

A sub-representação de mulheres não se limita aos países latino-americanos pois, entre as maiores economias do mundo, elas também são minoria: na França, 37,8% do congresso é formado por mulheres, na Alemanha elas representam 35,1%, no Reino Unido elas têm 34,5% das cadeiras, nos Estados Unidos da América são 28,7%, e no Japão e na Índia ocupam apenas 10% e 15,1% das cadeiras, respectivamente.⁷



NO BRASIL, AS MULHERES REPRESENTAM A MAIORIA DA POPULAÇÃO (51,1%) E DO ELEITORADO (52,6%)⁸, MAS ELAS SÃO MINORIA ENTRE OS CANDIDATOS (33,7%) E ELEITOS A CARGOS DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA (18,1%), DE ACORDO COM DADOS DAS ELEIÇÕES DE 2022 DO TSE MULHER.⁹

A média geral de candidaturas de mulheres em 2022 (isto é, 33,7% **para todos os cargos em disputa naquela eleição**) foi um recorde de participação no Brasil, o que representou um aumento de 2,1 pontos percentuais com relação às eleições de 2018 (o percentual de mulheres candidatas naquela eleição foi de 31,6%). A despeito do aumento de candidaturas de mulheres, é importante destacar que esses não foram crescimentos expressivos, pois representam um incremento de alguns pontos percentuais por eleição, e que a participação delas nas listas eleitorais continua muito aquém do ideal para que seja atingida a igualdade de gênero, sobretudo quando se trata de mulheres negras, que, por representarem 28% da população, são as mais sub-representadas em termos proporcionais.¹⁰

7 De acordo com dados do Banco Mundial (2021), as doze maiores economias do mundo, classificadas segundo seus Produtos Internos Brutos (PIB) são, na seguinte ordem: Estados Unidos, China, Japão, Alemanha, Índia, Reino Unido, França, Itália, Canadá, Coreia do Sul, Rússia e Brasil. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?most_recent_value_desc=true>. Acesso em 26 mai. 2023.

8 “Eleições 2022: mulheres são a maioria do eleitorado brasileiro”. In: Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>>. Acesso em 26 mai. 2023.

9 Estatísticas - Eleições 2022. TSE Mulheres. Disponível em: <<https://www.justicaieleitoral.jus.br/tse-mulheres/>>. Acesso em 26 mai. 2023.

10 Vale mencionar que foi somente em 2014 que o TSE passou a exigir declaração de raça/cor no momento do registro de candidaturas e, com isso, passaram a ser coletados dados sobre o número de mulheres negras candidatas e eleitas. Até aquele momento não era possível elaborar políticas públicas de combate à sub-representação de mulheres negras na política.

ISTO É, O CENÁRIO É AINDA PIOR E MAIS DESIGUAL PARA MULHERES NEGRAS QUE, EM 2022, REPRESENTARAM 17,9% DO TOTAL DE CANDIDATURAS, MAS SOMENTE 6,6% DO TOTAL DE ELEITOS; E INDÍGENAS, QUE SOMARAM 0,3% DAS CANDIDATURAS E 0,3% DAS ELEITAS, CONSIDERANDO TODOS OS CARGOS EM DISPUTA NAQUELA ELEIÇÃO.¹¹

Na **Câmara dos Deputados**, **35% das candidaturas** apresentadas em **2022** foram de mulheres, enquanto em **2018** representavam **32,1%**. Porém, elas representam somente **17,7% das eleitas em 2022**, isto é, conquistaram **91 entre 513 cadeiras** em disputa.¹² Isso representa **um aumento de 18%** (ou 2,7 pontos percentuais) em relação a 2018, quando 77 mulheres foram eleitas deputadas federais. Em 2018, as eleitas que se autodeclararam brancas representavam 81,8% (correspondente a 63); negras 16,9% (correspondente a 13); e indígenas 1,3% (correspondente a 1). Em termos de raça/cor, em 2022, das 91 eleitas para a Câmara dos Deputados, as autodeclaradas brancas são 63,7% (correspondente a 58), enquanto 31,9% são negras (correspondente a 29 mulheres autodeclaradas pretas e pardas), e as indígenas são 4,4% (correspondente a 4).¹³

No **Senado** o cenário é igualmente dramático, pois, **em 2022, 23,9% das candidaturas** apresentadas foram de mulheres, mas **somente 4 conseguiram se eleger**.¹⁴ As senadoras eleitas foram Damares Alves, do Republicanos/DF; Professora Dorinha, do União/TO; Teresa Leitão, do PT/PE; e Tereza Cristina, do PP/MS; e três mulheres assumiram como suplentes, Ana Paula Lobato, do PSB/MA; Augusta Brito, do PT/CE; e Jussara Lima, do PSD/PI, em função do afastamento dos senadores titulares que saíram do cargo para assumir funções no Executivo.¹⁵ **Em 2018, foram eleitas 7**

11 Entre o total de eleitos em 2022, as mulheres brancas representam 11,1%; pardas são 4,3% e pretas 2,3% (ou seja, as mulheres negras totalizam 6,6%); indígenas 0,3% e amarelas 0,1%. Disponível em: <<https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/>>. Acesso em 26 mai. 2023.

12 Estatísticas - Eleições 2022. TSE Mulheres. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/>. Acesso em 26 mai. 2023.

13 Resultados Eleições 2022. Deputado Federal. In: TSE. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/g%C3%AAnero?p0_cargo=Deputado%20Federal&session=109209234544975>. Acesso em: 05 jun. 2023.

14 Vale destacar que o mandato para o Senado tem duração de 8 anos, mas são realizadas eleições a cada 4 anos, com renovação de ½ e ¼ a cada eleição, Portanto, 27 cadeiras estavam em disputa no pleito de 2022. Fontes. 1. Resultados TSE. Senador. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/g%C3%AAnero?p0_cargo=Senador&session=20359302180635>. Acesso em: 05 jun. 2023.

15 Fonte: 1. Senadores em Exercício 57ª Legislatura (2023 - 2027). In: Senado Federal. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/em-exercicio/-/e/por-sexo>>. 2. "Três suplentes tomam posse em substituição a senadores que assumiram ministérios". In: Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/02/tres-suplentes-tomam-posse-em-substituicao-a-senadores-que-assumiram-ministerios#>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

senadoras.¹⁶ Isso faz com que a bancada atual do Senado tenha 15 mulheres (de 81 cadeiras), o que correspondente a 18,5% da casa legislativa,¹⁷ e destas, 80% (correspondente a 12) são brancas, enquanto somente 20% (correspondente a 3) são autodeclaradas pardas, que pelo critério do IBGE são negras¹⁸. **PORTANTO, ESSES DADOS EVIDENCIAM QUE MAIS DO QUE MULHERES NA POLÍTICA, É URGENTE E NECESSÁRIO QUE MAIS MULHERES NEGRAS OCUPEM ESPAÇOS DE PODER E SEJAM ELEITAS A CARGOS PÚBLICOS, TANTO NO LEGISLATIVO COMO NO EXECUTIVO.**

Diante desse quadro de desigualdade de gênero e raça, foram adotados diversos mecanismos para estimular a participação de mulheres na política, entre as quais destacam-se as cotas de gênero, adotadas no mundo a partir dos anos 1990¹⁹. No Brasil, uma cota foi implementada para as eleições gerais de 1997 (Lei Geral das Eleições, nº 9.504/1997), e determina um percentual mínimo de 30% e máximo de 70% para candidaturas de homens e mulheres apresentadas nas listas partidárias para os cargos disputados pela fórmula proporcional (vereadores, deputados estaduais e deputados federais).

Também existem incentivos legais e financeiros aos partidos para que eles incluam mulheres em suas estruturas internas e nos processos eleitorais. Essa é uma mudança ainda recente - que enfrenta resistências pelos partidos políticos e seus setores dirigentes -, são poucas as organizações partidárias que adotam alguma medida em favor da participação e formação de mulheres. As sucessivas propostas de anistias para partidos que não cumprem as regras do jogo eleitoral para inclusão de mulheres e negros

16 As senadoras eleitas em 2018 foram: Daniella Ribeiro, do PP/PB; Leila Barros [do Vôlei], do PSB-DF; Mara Gabrilli (PSDB/SP); Eliziane Gama, do PPS/MA; Selma Arruda, do PSL/MT (teve o mandato cassado em 2020); Soraya Thronicke, do PSL/MS; e Zenaide Maia, do PHS/RN. Já Ivete da Silveira, do MDB/SC assumiu o mandato em agosto de 2022; e Margareth Buzetti (PP/MT) assumiu o cargo em junho de 2023. Fontes: 1. "Suplente da ex-senadora Juíza Selma toma posse no Senado". In: Agência Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2020-04/suplente-da-ex-senadora-juiza-selma-toma-posse-no-senado>>. Acesso em: 08 jun. 2023. 2. "Margareth Buzetti assume mandato durante licença de Carlos Fávaro". In: Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/07/margareth-buzetti-assume-mandato-durante-licenca-de-carlos-favaro>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

17 Conforme mencionado em nota anterior, além das sete eleitas em 2022, seis senadoras eleitas em 2018 seguem em mandato e duas suplentes assumiram o cargo entre 2022 e 2023, o que resulta em 15 senadoras. Fonte: Senadores em Exercício 57ª Legislatura (2023 - 2027). In: Senado Federal. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/em-exercicio/-/e/por-sexo>>.

18 O levantamento racial foi realizado com base na autodeclaração das candidatas, que consta no portal DivulgaCand do TSE. Disponível em: <<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

19 Em 1991, a Argentina foi o primeiro país no mundo a adotar cotas de gênero obrigatórias, isto é, aquelas que são regulamentadas na constituição, lei eleitoral ou legislação específica - e que diferem das cotas adotadas voluntariamente por partidos políticos de países nórdicos desde os anos 1980. Foi com a realização da Conferência de Pequim, em 1995, que as cotas passaram a ser difundidas e adotadas internacionalmente. Cf. Dahlerup et al., 2013; Caminotti, 2014; Krook, 2009.

podem ser consideradas entraves para o combate à sub-representação de gênero e raça no Brasil, tal como no momento da atual pesquisa está em tramitação a PEC 9/23²⁰. Somado a esses esforços para garantir o cumprimento da legislação eleitoral, é relevante destacar o papel fundamental de organizações da sociedade civil – em especial d'A Tenda das Candidatas –, que contribuem diariamente para a promoção da igualdade de gênero e o enfrentamento da sub-representação de mulheres na política, sobretudo de mulheres negras, indígenas, quilombolas, LBTQIAP+ e PCD.

O PROJETO A TENDA DAS CANDIDATAS



Tendo em conta a centralidade da política na sociedade, o projeto A Tenda das Candidatas, criado em 2020, promove a formação de mulheres feministas, antirracistas e defensoras dos direitos humanos para atuarem na política eleitoral-partidária.

O objetivo d'A Tenda das Candidatas é contribuir para o aumento da participação e representação política de mulheres, em especial de mulheres negras, indígenas, quilombolas, LBTQIAP+ e PCD, para combater a sub-representação que as atinge e possibilitar que elas ocupem os espaços onde são tomadas as decisões que impactam diretamente suas vidas, já que esses ainda são espaços controlados por homens, em regra, brancos, cis, héteros, que têm o poder de selecionar e nomear candidaturas durante o processo eleitoral, e de distribuir os recursos públicos de financiamento de campanhas, entre outras funções.

A Tenda das Candidatas acredita na criação de redes colaborativas e de suporte entre as mulheres, vislumbrando um futuro protagonizado por mulheres negras, indígenas, quilombolas, pessoas LBTQIAP+ e PCD. Para isso, o projeto atua em seis frentes principais: capacitação para a política eleitoral-partidária; produção de conteúdo e campanhas de conscientização social e política; incidência política e legislativa; pesquisa; ciclos de debates sobre gênero, raça, classe e política – O circuito A Tenda; e manutenção da Rede de lideranças A Tenda.

Desde 2020, até o momento da presente pesquisa a organização já realizou duas temporadas de formação, em 2020 e em 2021/2022, e dará início a terceira temporada de formação em 2023/2024, tendo sido procurada por **1.253 mulheres** interessadas em participar das atividades de capacitação política e eleitoral. Foram 779 inscrições para a primeira e segunda temporadas, e 474 inscrições para a terceira temporada, com início em 01 de agosto de 2023, o que nos leva à soma de 1.253 inscrições recebidas

20 Para saber mais sobre a PEC da Anistia, acesse: 1. A cartilha "Leis de ações afirmativas de gênero e raça na política x anistia aos partidos", produzida pel'A Tenda das Candidatas. Disponível em: <<https://atendadascandidatas.org/cartilha-leis-de-acoes-afirmativas-de-genero-e-raca-na-politica-x-anistia-aos-partidos/>>. 2. CARDOSO, Evorah; MARUCCI, Hannah. "PEC da Anistia e o cinismo dos partidos políticos". In: Gênero e Número. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/artigos/pec-anistia/>>.

pel'A Tenda das Candidatas desde sua fundação até o momento da atual pesquisa, realizada em 2023. Assim, entre as atividades desenvolvidas pel'A Tenda, destacam-se:

- i) as formações, oferecidas para capacitar lideranças defensoras dos direitos humanos para disputar eleições ou serem voluntárias de campanhas de mulheres defensoras dos direitos humanos;
- ii) ciclos de debates para promover a conscientização de gênero, classe e raça;
- iii) mentorias personalizadas para defensoras dos direitos humanos que já tenham decidido participar da disputa eleitoral partidária (sempre no período que antecede à pré-campanha e a campanha eleitoral) e que estejam participando da formação d'A Tenda;
- iv) incidência política, participando da discussão de projetos de lei, votações e mobilizações que envolvam os direitos políticos das mulheres, que são direitos humanos;
- v) campanhas com foco na participação de mulheres na política, como “A conta não fecha”, que disponibilizou o guia “Desculpas não pagam campanhas” orientando como mulheres candidatas devem pressionar os partidos sobre o repasse de recursos públicos para o financiamento de campanhas eleitorais, para garantir que os 30% dos recursos fossem empregados na campanha de mulheres e na divisão proporcional entre candidaturas de pessoas negras e brancas;²¹e
- vi) pesquisas e cartilhas elaboradas para contribuir para o debate, entre as organizações da sociedade civil e também para fins de políticas públicas, sobre direitos políticos das mulheres, sobretudo das mulheres negras que são atravessadas também pela opressão de raça e muitas pela orientação sexual.

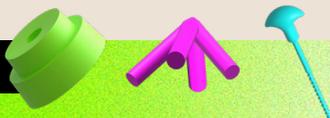
Entre novembro de 2022 e janeiro de 2023 foi oferecida, pela primeira vez, uma **Formação Pós-Eleições**,²² visando alcançar aquelas mulheres que participaram das eleições de 2022 e não foram eleitas. Ao todo, 39 mulheres se inscreveram, e 17 foram selecionadas e participaram da formação. A atividade teve como objetivo oferecer apoio emocional e formação direcionada para o momento pós-campanha e preparação para o próximo processo eleitoral, atuando também para que essas lideranças pudessem se enxergar não como derrotadas, mas como mais preparadas para as próximas

21 Para saber mais sobre a campanha “A conta não fecha” d'A Tenda das Candidatas, acesse: <<https://atendadascandidatas.org/campaign/a-conta-nao-fecha/>>.

22 Para mais informações sobre a Formação Pós-Eleições d'A Tenda das Candidatas, acesse: <<https://atendadascandidatas.org/formacao-pos-eleicoes/>>.

eleições pela experiência alcançada, pelo capital político aumentado pelo fato de terem estado no espaço público em campanha, dialogando suas pautas com a sociedade.

ESTRUTURA DO RELATÓRIO



Este relatório apresenta dados inéditos sobre a formação oferecida pel'A Tenda das Candidatas para mulheres defensoras dos direitos humanos, feministas e antirracistas, que se lançaram na disputa eleitoral-partidária nas eleições de 2022 e que não foram eleitas. Inicialmente, apresentamos um breve mapeamento de algumas iniciativas de formação política no Brasil e no exterior, evidenciando que essas iniciativas focam suas atividades no momento que antecede as eleições, sem que haja atividades desenvolvidas no momento posterior - que é tão crucial quanto o período pré eleitoral -, em que seria necessário oferecer apoio às mulheres que não foram eleitas. Assim, discutimos a importância do investimento em uma formação continuada, que acompanhe as mulheres antes do período eleitoral e também após este período, oferecendo a elas uma rede de apoio em um momento tão importante. O processo de capacitação continuada faz-se necessário porque, como será apresentado de forma aprofundada a seguir, há graves problemas com relação à violência política de gênero e raça e ao sub-financiamento de campanha que dificulta o acesso de mulheres aos recursos materiais, humanos e informacionais necessários para que desenvolvam suas habilidades políticas numa campanha eleitoral e aprendam sobre seus direitos como candidatas e deveres dos partidos aos quais estão filiadas. Ressaltando, por oportuno, que o sub-financiamento de campanha de mulheres, sobretudo negras, constitui-se como violência política de gênero e raça, o que, por sua vez, afeta o funcionamento das instituições democráticas, viola os direitos humanos e perpetua as desigualdades de gênero.²³

Em seguida, apresentaremos os dados da formação pós-eleições oferecida pel'A Tenda, com dados do perfil e da trajetória das 17 mulheres que se inscreveram para participar da formação Pós-Eleições, entre novembro de 2022 e janeiro de 2023, assim como os comentários e depoimentos que fizeram sobre as atividades, o que evidencia a importância da formação Pós-eleições em suas trajetórias política e pessoal. Com isso, argumentamos que o fato de terem disputado uma eleição fornece ferramentas para essas mulheres seguirem na política como candidatas, sendo esse um importante capital político, sobretudo para aquelas mulheres que conseguiram atingir a suplência ou um número expressivo de votos. Por fim, discutimos a perspectiva de criação de um ecossistema de formações e de estratégias que contribuam para que as mulheres consigam participar das eleições, apresentando as perspectivas de uma formação de lideranças que atuem

para combater efetivamente a sub-representação de mulheres na política, em que pese as sistemáticas anistias para partidos que não cumprem as cotas de gênero, que cometem violência política de gênero e raça e, sobretudo, as raízes dessa sub-representação.

Para iniciar esta investigação, consultamos os dados do portal Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais do Tribunal Superior Eleitoral (DivulgaCand do TSE), da Justiça Eleitoral, que mantém o portal TSE Mulheres, e do Senado Federal sobre os dados de mulheres no congresso brasileiro. Já para as informações sobre as médias regionais e a participação de mulheres nos congressos mundiais, consultamos o Inter-Parliamentary Union, organização global responsável por reunir dados de mais de 185 congressos ao redor do mundo. Além disso, consultamos os sites de algumas organizações e iniciativas que atuam na formação de mulheres na política, as quais apresentamos ao longo do primeiro capítulo.

Para a segunda parte, a principal fonte dos dados foram as próprias mulheres que receberam a formação Pós-Eleições 2022 para Não Eleitas d'A Tenda que, por meio dos formulários para inscrições e avaliações preenchidos por elas ao longo do processo de formação, informaram dados importantes para que fosse possível ser traçado um perfil social, racial e demográfico desse grupo, bem como deixaram suas impressões e relatos sobre a importância da formação pós-eleições para suas trajetórias. São apresentados, ainda, comentários e depoimentos anonimizados das mulheres atendidas, que evidenciam a relevância da formação em suas trajetórias políticas, dos conhecimentos adquiridos e da formação de uma rede de mulheres líderes. Elas relataram que se sentiram amparadas após o período eleitoral, quando, via de regra, são abandonadas por seus partidos políticos - em especial as mulheres negras, que durante o processo eleitoral já enfrentam mais dificuldades na relação com os partidos do que outros grupos - e não têm o amparo de outras organizações que forneceram apoio no período posterior às eleições. As candidatas não eleitas, tão importantes quanto as eleitas, requerem atenção e uma formação direcionada, para o compartilhamento de aprendizados e estratégias para o futuro, e, além de suprimentos técnicos, que lhes sejam oferecidos suporte emocional e uma rede de apoio em um momento crucial como o pós-eleições.



1.



MAPEAMENTO NO BRASIL E EXTERIOR SOBRE INICIATIVAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA PARA MULHERES

1.1 AS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA ELEITORAL PARTIDÁRIA

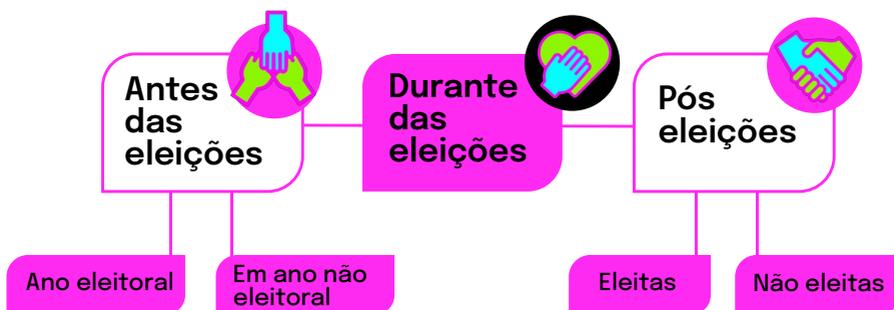
No Brasil, durante décadas, as mulheres estiveram marginalizadas do âmbito político e eleitoral - e essa ainda é uma realidade que atinge de forma mais agressiva mulheres negras e indígenas. A partir da luta dos movimentos de mulheres, ocorreu, tardiamente, o reconhecimento do direito ao voto e do direito de concorrer a eleições e serem eleitas.²⁴ Nas últimas décadas, embora tenha havido uma melhora na inclusão de mulheres na política, em parte devido à criação de mecanismos como as cotas de gênero, o cenário continua preocupante. Isso se deve, sobretudo, à ausência de estratégias efetivas em políticas públicas, tanto de governo quanto de Estado, voltadas para a inclusão de mulheres negras e indígenas. Os mecanismos existentes são sistematicamente negligenciados, e os próprios partidos que não cumprem essas regras frequentemente apresentam propostas de anistias para esse descumprimento.

Nesse sentido, no âmbito internacional, a “Agenda 2030” da Organização das Nações Unidas - um plano de ação global que reúne 17 objetivos

²⁴ Em âmbito nacional, a primeira vez que uma mulher pode votar e ser votada foi para as eleições da Assembleia Nacional Constituinte, de 1933. O direito foi garantido pelo Código Eleitoral de 1932. Cf. “Há 80 anos mulheres conquistaram o direito de votar e ser votadas”. In: TSE. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2013/Marco/ha-80-anos-mulheres-conquistaram-o-direito-de-votar-e-ser-votadas>>. Acesso em 08 jun. 2023.

de desenvolvimento sustentável (ODS) e 169 metas -, da qual diversas organizações são parceiras, apresenta como uma de suas metas atingir a igualdade de gênero e reduzir as desigualdades.²⁵ Partindo desses princípios e orientadas pela noção de que sem a participação proporcional de mulheres nos espaços de decisão política, vivemos um déficit democrático, organizações da sociedade civil dedicam seus esforços para contribuir com a superação das desigualdades de gênero e raça e para enfrentar a sub-representação de mulheres na política.

Essa atuação pode se dar de diversas formas. Algumas organizações atuam com foco mais amplo em formação política, enquanto outras atuam, mais especificamente, na formação de mulheres interessadas em ingressar na política como candidatas. O momento de atuação, no entanto, pode variar, conforme pode ser visualizado na linha do tempo a seguir.



Existem organizações, projetos e coletivos que focam suas atividades antes das eleições, outras durante e, ainda, há aquelas que atuam no pós-eleições; e isso pode acontecer em ano eleitoral ou não. As atividades pós-eleições, que são escassamente exploradas, focam na formação para candidatas e/ou mandatos eleitos, investindo também na capacitação de legisladoras. Uma atuação inédita é a formação que se ocupa, no pós-eleições, das candidatas não eleitas, e que foi explorada pioneiramente pel'A Tenda das Candidatas após as eleições de 2022 (apresentaremos mais informações sobre essa formação ao longo da pesquisa).²⁶

As atividades das organizações orientadas para a inserção de mulheres na política contam com iniciativas que focam na formação política, realização de campanhas políticas e orientações sobre gerenciamento de candidaturas e financiamento eleitoral, entre outros aspectos.

25 Cf. Objetivos do desenvolvimento sustentável. Organização das Nações Unidas Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>.

26 Para saber mais sobre a formação, consultar: MARUCI, Hannah; ASTROLABIO, Laura. Capacitação dá apoio emocional a candidatas mulheres que não foram eleitas. In: Uol. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2022/12/05/ressaca-pos-eleicoes-um-fenomeno-de-genero-raca-e-classe.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Porém, essas orientações relativas a candidaturas e formação política são, teoricamente, atribuição obrigatória dos partidos políticos²⁷. Mas quando os partidos desenvolvem tais iniciativas, elas são direcionadas apenas a suas filiadas e ainda assim se mostram insuficientes, na maioria das vezes. Esta é uma diferença fundamental na atuação e no alcance possível dessas iniciativas das organizações da sociedade civil, coletivos e projetos sociais, pois, para as mulheres, em especial para mulheres negras, o acesso aos partidos políticos não é o mesmo que o dos homens. Isto é, ao restringir o acesso a apenas mulheres que já são filiadas, os partidos acabam perdendo outras mulheres que são possíveis candidatas, e estas, por sua vez, são desencorajadas já no início do processo de formação e, potencialmente, frustram suas expectativas e ambições políticas legítimas.

O diferencial, portanto, é que as organizações da sociedade civil, coletivos e projetos sociais - voltadas para a participação política de mulheres - oferecem formação para mulheres que desejam ser candidatas, sem outras contrapartidas, ou seja, sem que seja necessário estar previamente filiada a algum partido político. Isto fornece um acesso mais amplo, pois não se restringe a mulheres que já estão, em certa medida, inseridas na política eleitoral partidária. Assim, é possível alcançar outros perfis, como o de mulheres que são lideranças políticas em seus territórios, por exemplo, mas que ainda não fazem parte de nenhuma organização partidária ou as que ainda não têm convicção em se candidatar, mas que querem atuar como voluntárias nas campanhas de outras mulheres. **É nisso que constitui a atuação d'A Tenda das Candidatas, que se engaja para formar mulheres feministas, antirracistas e defensoras dos direitos humanos para atuarem na política eleitoral-partidária e que, conseqüentemente, mais mulheres, sobretudo mulheres negras, indígenas, quilombolas, PCD e LBTQIA+, possam ascender aos cargos de representação política e ocupar os espaços de poder de onde saem as decisões que impactam diretamente suas vidas.**



27 A Emenda Constitucional n. 117, de 2022, que altera o artigo 17 da Constituição Federal, determina que os partidos políticos devem aplicar, no mínimo, 5% de recursos do fundo partidário para a criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres. A Emenda ainda estabelece que o FEFC e o fundo partidário, o tempo de propaganda gratuita no rádio e na televisão devem ser distribuídos proporcionalmente ao número de candidatas, observando o mínimo de 30%. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc117.htm>.

1.2 INICIATIVAS BRASILEIRAS E INTERNACIONAIS: MAIS DO QUE ENSINAR SOBRE POLÍTICA, ENSINAM A FAZER A POLÍTICA NO DIA A DIA

No Brasil, além d'A Tenda das Candidatas, existem algumas iniciativas que oferecem formação política para mulheres.²⁸ Surgidas predominantemente nos últimos 5 anos, quando houve uma ampliação das regras eleitorais, especialmente com relação ao financiamento público, essas iniciativas atuam em diversos âmbitos. Algumas trabalham com a formação política de mulheres que querem ser candidatas, enquanto outras têm foco na promoção de debates, conscientização política, divulgação de candidaturas e monitoramento de mandatos. Todos os tipos de atividades e momentos de atuação das organizações podem ser visualizados na Tabela 1.

TABELA 1 - INICIATIVAS BRASILEIRAS

TIPOS DE ATIVIDADE/ PERFIL	ANTES DAS ELEIÇÕES	PERÍODO ELEITORAL	PÓS-ELEIÇÕES	
			CANDIDATAS	ELEITAS
CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA PARA MULHERES (GERAL)	X		X	X
CURSO DE FORMAÇÃO PARA MULHERES QUE QUEREM SER CANDIDATAS	X			
INICIATIVAS DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA E DIVULGAÇÃO DE CANDIDATURAS	X	X		
PESQUISA E INCIDÊNCIA POLÍTICA SOBRE DIREITOS POLÍTICOS DAS MULHERES	X		X	
MONITORAMENTO DE MANDATOS			X	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados.

²⁸ Para esta pesquisa foram realizadas buscas no Google, entre os dias 28 e 30 de maio de 2023, com as seguintes palavras-chave: "formação política para mulheres", "iniciativas para mulheres na política", "mulheres na política" e "eleições e mulheres", em português, inglês e espanhol. Capela e Schaefer (2022) mapearam 47 iniciativas de formação política no período de julho a agosto de 2021. No entanto, somente um terço delas tem como foco a formação política de mulheres.

Note que, na Tabela 1, há uma clara distinção entre o momento de atuação. O foco principal de atuação está no momento inicial, isto é, no período anterior às eleições e, em sua maioria, são desenvolvidas somente ao longo de anos eleitorais, conforme discutiremos a seguir. Estes são aspectos centrais sobre as iniciativas de formação política para mulheres, sendo um ponto que aproxima todas as organizações, pois estas têm suas atividades de formação, conscientização e incidência focadas no período pré-eleitoral, de preparação para a realização de campanhas políticas. Para saber mais, consultar o trabalho desenvolvido pelas organizações sociais e iniciativas: #ElasNoPoder, Instituto Alziras, Iniciativa Brasilianas, Instituto Vamos Juntas, Mulheres Negras Decidem, entre outras.

As iniciativas que trabalham com o tema mulheres na política são fruto da mobilização e, em alguns casos, do trabalho conjunto de organizações sociais, referem-se à ampla formação política para mulheres, o que inclui o desenvolvimento de cursos, seminários e eventos para apoiar as futuras candidaturas e mandatos, com o objetivo de que mais mulheres sejam eleitas para a política local e nacional. Algumas organizações declaram trabalhar com intuito de tornar as campanhas de mulheres mais competitivas e preparadas para a disputa eleitoral e, para isso, investem em atividades de formação e mentorias. Enquanto outras iniciativas têm ênfase em estratégias de advocacy, pressionando os governos locais e nacional para a concretização de políticas públicas em favor das mulheres e para o aumento da participação de mulheres na política. Há, ainda, iniciativas que têm a preocupação em promover a inclusão de grupos específicos, como o de mulheres negras, e atuam incentivando aquelas que são lideranças em suas comunidades a se candidatarem a cargos eletivos. Para mais informações sobre organizações com foco na formação de mulheres negras, consultar, por exemplo, o Mulheres Negras Decidem que, à semelhança d'A Tenda das Candidatas, possui uma atuação centrada em uma agenda liderada por mulheres negras. Acesse o projeto "Estamos Prontas", uma parceria do MND e Instituto Marielle Franco, que atuou com o fortalecimento de lideranças coletivas nas eleições de 2022.

Durante o período eleitoral, quando não é permitido fazer propaganda para candidatas, algumas organizações trabalham com estratégias de conscientização política, promoção de debates e divulgação de candidaturas de mulheres, chamando a atenção para o quadro de sub-representação de mulheres na política e incentivando a população a eleger mais mulheres. Estas iniciativas apostam, em geral, na importância de dar visibilidade e impulsionar a candidatura de mulheres progressistas e de pessoas LGBTQIA+ na política institucional. Para conhecer mais iniciativas que atuam nessa frente, consultar: [Vote LGBT](#), [Vote Nelas](#), [Quero Você Eleita](#) e [Meu Voto Será Feminista](#). Já para conhecer iniciativas que atuam no monitoramento de mandatos, consultar [Elas no Congresso](#), entre outras.

As iniciativas são múltiplas em sua natureza e campo de atuação, conforme demonstramos aqui, já que uma mesma organização social pode estar envolvida em mais de uma das atividades descritas. O que é comum entre as iniciativas é que as atuações se dão, quase exclusivamente, no período que antecede as eleições, quando as mulheres estão decidindo se tornar candidatas. Há poucas atividades desenvolvidas no momento posterior, isto é, quando as mulheres são eleitas e, menos ainda, no caso de não serem eleitas - à exceção da iniciativa Pós-Eleições, **promovida pela Tenda das Candidatas,**



**QUE É A PRIMEIRA E ÚNICA A
OFERECER FORMAÇÃO PÓS-
ELEIÇÕES PARA CANDIDATAS
NÃO ELEITAS.**

Após as eleições, as mulheres não eleitas não encontram apoio nem orientação nos partidos ou nas organizações sociais. Por isso, ainda que sejam membros de um partido político, o resultado da eleição é o fator que guia a atuação da legenda: com a não eleição, muitas mulheres ficam desamparadas. Elas não recebem assistência e não são orientadas e nem preparadas para as próximas etapas da sua carreira política. Sem esse apoio, é pouco provável que elas encontrem a motivação necessária para seguirem no jogo eleitoral. E isto contribui para que elas desejem se retirar da política e desistam de ocupar espaços institucionais e partidários, abrindo mão, assim, de suas carreiras políticas.

Por fim, chama a atenção a importância das redes sociais para a divulgação dessas iniciativas, que possuem um grande alcance por meio de aplicativos como o Instagram e Facebook. A realização de diversas atividades online permite que mulheres do Brasil todo se reúnam no ambiente virtual para participar das atividades de formação, conectando, no mesmo espaço, organizações, professoras e mulheres que desejam se candidatar de todas as regiões do país.

A utilização de plataformas digitais e o compartilhamento de materiais virtuais apresenta um potencial positivo e democratizante, uma vez que possibilita que mulheres de distintas localidades participem das formações online.²⁹ Internacionalmente, algumas organizações atuam com o mesmo objetivo de promover mais mulheres na política, oferecendo cursos de formação de lideranças, cursos para mulheres que desejam ser candidatas e, inclusive, financiamento para a realização de campanhas e outras atividades de formação política.

TABELA 2 - INICIATIVAS INTERNACIONAIS

TIPOS DE ATIVIDADES	ANTES DAS ELEIÇÕES	PÓS-ELEIÇÕES
CURSO DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS	X	
CURSO DE FORMAÇÃO PARA MULHERES CANDIDATAS	X	
FINANCIAMENTO PARA REALIZAÇÃO DE CAMPANHA E ATIVIDADES DE FORMAÇÃO POLÍTICA	X	
CAPACITAÇÃO PARA MULHERES ELEITAS (LEGISLADORAS)		X

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados.

À semelhança da atuação das organizações da sociedade civil no Brasil, no exterior as iniciativas também têm como objetivo recrutar e treinar mulheres progressistas para apresentar campanhas fortes e competitivas. As atividades podem ser focadas em workshops para preparar mulheres

²⁹ Por outro lado, por ser necessário o acesso à internet, isso pode fazer com que muitas mulheres interessadas não consigam participar das atividades remotas por conta das dificuldades de conexão, por exemplo. As barreiras digitais existem e afetam os grupos sociais de formas diferentes - mulheres negras e indígenas, mulheres que moram fora dos grandes centros urbanos são as mais afetadas pela falta de acesso aos meios digitais. Além disso, participar de atividades online exige que essas mulheres dominem as técnicas e linguagens específicas do mundo virtual, seja por meio de computadores ou do celular, o que em muitos casos pode ser outra barreira. Ver PNAD 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

para concorrer a eleições locais e nacionais, oferecendo treinamentos gratuitos e apoio para mulheres candidatas. Além disso, com o sistemático sub-financiamento de mulheres na política, há a possibilidade de se obter financiamento para subsidiar os custos associados com as atividades de formação política, como transporte e alimentação, que demandam gastos adicionais para os quais, muitas vezes, as mulheres não recebem apoio do partido.

Há, ainda, iniciativas com foco em grupos específicos, como o de mulheres mães, que auxiliam a financiar aquelas mulheres que desejam entrar na política, além de trabalhar com advocacy para eleger mais mulheres que são mães aos cargos de eleição popular. A ênfase dessas iniciativas é oferecer mentoria, mas principalmente as condições materiais para que essas mulheres possam lançar suas candidaturas. Alguns exemplos são as organizações Emilys List (EUA); Elect Her (Reino Unido); LGBTQ+ Victory Institute (EUA); She Should Run (EUA); Vote Mama Foundation (EUA e Reino Unido), entre outras.

No contexto regional a atuação não é diferente. Algumas organizações oferecem programas de mentorias para mulheres empreendedoras e líderes sociais, bem como formação política e social dirigida a mulheres jovens líderes que participam de organizações sociais, com o objetivo de fomentar ações de incidência política a partir de uma perspectiva de gênero. Existem outras iniciativas que trabalham, mais amplamente, com a capacitação de atores sociais e políticos em temas de gênero e direitos das mulheres e conscientização sobre as desigualdades de gênero. Para conhecer iniciativas latino-americanas que fazem esse trabalho, consultar: Comunidad Mujer (Chile); Equipo Latinoamericano de Justicia y Género (ELA) (Argentina); Movimiento Manuela Ramos (Peru), entre outras. Já outras organizações oferecem apoio e capacitação técnica, após as eleições, para mulheres recém-eleitas e para aquelas que já assumiram seus cargos como legisladoras. O objetivo é, portanto, capacitar estas parlamentares para os cargos que irão exercer. Internacionalmente, um exemplo é a National Alliance of Women's Organisations (Reino Unido) e, no Brasil, a Rede A Ponte.

Vale mencionar que, no exterior, algumas organizações são independentes, mas podem estar ligadas a partidos políticos. Estes, por sua vez, visam formar potenciais candidatas para disputar eleições. Os partidos também possuem organizações oficiais de mulheres que atuam na formação de suas filiadas e, ademais, parte dos recursos podem ser revertidos para a formação de candidatas. Porém, ainda que haja um incentivo para que isso aconteça, nem todas as agremiações empenham-se em formar novas lideranças ou investir recursos de maneira a efetivamente promover o acesso de mulheres em suas estruturas internas.

2.



A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE DE MULHERES NA POLÍTICA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Neste capítulo abordamos a importância de uma formação continuada para que mulheres que já têm uma atuação política (mulheres líderes em seus territórios ou que já disputaram eleições, mas não foram eleitas) não desistam de ocupar espaços na política eleitoral partidária.

A formação continuada é uma importante estratégia para garantir que as mulheres não desistam de estar na política. Isso porque os desafios para uma mulher na política são muitos, dentre os quais destaca-se a violência política de gênero e raça - que ameaça a integridade física e mental e impõe um desafio para que essas mulheres continuem com seus corpos na política - e o sub-financiamento eleitoral público, também um tipo de violência política de gênero e raça, que se caracteriza como uma barreira que dificulta o acesso a recursos materiais, humanos e informacionais necessários para que essas mulheres desenvolvam suas habilidades e potencialidades políticas.

Dessa forma, trazemos duas importantes constatações: 1. Não se constrói candidata em ano eleitoral, portanto, qualquer capacitação política que vise as eleições deverá se iniciar ao menos um ano antes para ser efetiva; **2. As mulheres que disputam um ciclo eleitoral e não são eleitas são candidatas mais fortes para as próximas eleições**, pois acumularam experiência e capital político, por isso, precisam ser acolhidas e orientadas após o resultado eleitoral negativo, para que não se sintam abandonadas nesse momento e desistam de dar continuidade ao trabalho já mirando as próximas eleições. **O que nos leva ao seguinte desenho de formação continuada:**

FORMAÇÃO PRÉ-ELEIÇÕES

Início ao menos um anos antes do início das campanhas eleitorais, com foco na disputa eleitoral partidária

FORMAÇÃO PÓS-ELEIÇÕES

Início imediatamente após o resultado eleitoral, com foco no acolhimento e na preparação para as próximas eleições no que se refere a análise dos erros e acertos a serem considerados na próxima corrida eleitoral



Uma formação continuada, portanto, deve acompanhar as lideranças durante toda sua trajetória política: antes e após o período eleitoral e não se concentrar apenas no momento imediatamente antes da disputa eleitoral. Isso porque são campanhas construídas com continuidade e aprimoramento do trabalho, acúmulo de capital político que deve ser adquirido no dia-a-dia, considerando que em regra não são herdeiras de capital político, social e financeiro, são elas próprias que precisam conquistá-los com o fazer político real, com lastro em suas lutas diárias nas suas comunidades, coletivos, territórios.

Uma formação continuada, que é a prática d'A Tenda das Candidatas, deve transmitir às mulheres os conhecimentos necessários não apenas para se fazer uma campanha eleitoral, mas para permanecerem ativas politicamente. Assim, uma formação continuada deve incluir não apenas a preparação para a disputa das eleições, como também um acolhimento posterior ao ciclo eleitoral, para garantir que essas mulheres permaneçam na política, mesmo não sendo eleitas em determinada eleição. Dessa forma, elas recebem uma formação que não se restringe às ferramentas de uma

campanha, mas também aprendem sobre seus direitos e deveres como mulheres na política, sobre as obrigações dos partidos aos quais estão filiadas, assim como aprendem a desenvolver estratégias emocionais e de articulação política cruciais para suas atuações, além da construção de suas pautas de campanha que devem dialogar com as agendas políticas com as quais elas já trabalham.

Assim, as lideranças que passam por uma formação terão mais conhecimento a respeito da corrida eleitoral que inclui regras implícitas e explícitas do processo eleitoral, para as quais existem legislações vigentes que obrigam os partidos a direcionarem dinheiro para suas candidaturas, por exemplo, e as regras implícitas, que estão relacionadas com as práticas políticas internas dos partidos políticos. Elas adquiriram os conhecimentos necessários para a preparação e planejamento de suas campanhas políticas, baseadas na avaliação e conhecimento adquiridos na campanha que não foram eleitas, além de conhecimentos necessários para a devida prestação de contas e outras burocracia relativas à campanha no período posterior às eleições. **A formação pós-eleições, que é o foco central desta pesquisa, oferece às mulheres os recursos para que elas possam lutar contra barreiras que as impedem de estar na política institucional, sendo esta uma ferramenta fundamental para o combate à sub-representação de mulheres em espaços de poder, sobretudo de mulheres negras que são as mais sub-representadas.**

Desse modo, A Tenda das Candidatas acredita que o interesse da participação de mulheres na política não deve se encerrar no momento em que acabam as eleições. Investir somente no processo eleitoral não é o suficiente para atender às demandas das mulheres contra a sub-representação política de gênero e raça. Mais do que isso, ao não se investir nas mulheres não eleitas, perdemos importantes quadros políticos, haja vista que o processo eleitoral partidário é extremamente violento para mulheres, sobretudo quando são negras, fazendo com que elas desistam caso não se vejam amparadas para seguir. O envolvimento na formação das mulheres deve continuar em um momento posterior, como uma aposta em seu potencial como lideranças políticas. Elas precisam de apoio para além dos aspectos formais, pois, como a vitória eleitoral é o objetivo perseguido pelos partidos, a elas recai a desistência como único incentivo.

AO RECONHECER NESSAS MULHERES A SUA FORÇA POLÍTICA E POTENCIAL COMO LIDERANÇAS, ESSES TALENTOS NÃO SÃO PERDIDOS; ELAS NÃO DESISTEM DE ESTAR NA POLÍTICA, MESMO COM TODOS OS OBSTÁCULOS QUE, DIARIAMENTE, AS AFASTAM DESSE ESPAÇO.

Assim, frisamos que o potencial de mulheres que se candidatam às eleições não se esgota com a derrota nas urnas. Esta deve ser entendida apenas como uma parte do processo, que consiste em muitas outras em sua trajetória política. Por isso, não se pode desistir dessas mulheres; pelo contrário, é necessário criar políticas de incentivos para que elas continuem mobilizadas e interessadas em ter uma atuação política, mesmo diante de um cenário político de violência política de gênero e raça, que para ser combatido precisa de mais mulheres ocupando os espaços de poder de onde saem as decisões que impactam diretamente suas vidas.

A formação continuada oferece, especialmente no curso ministrado pela A Tenda das Candidatas para as mulheres não-eleitas, o estímulo e a motivação necessárias para ressignificar os sentidos da não eleição, garantindo que elas não sejam desamparadas no momento posterior às eleições e oferece um sentido de continuidade, em um projeto que não se interrompe com o final do processo eleitoral.

A formação pré-eleitoral consiste em orientações como por exemplo para que consigam fazer frente aos partidos, demandando os recursos necessários para que possam seguir com suas candidaturas e realizar suas campanhas políticas, contratar pessoal qualificado, como advogados, contadores e equipe de comunicação, bem como custear os materiais de campanha. Com a formação, cria-se um espaço seguro em que é possível compartilhar experiências de campanha, fomentando o estabelecimento de relações de solidariedade entre elas para que recebam incentivo e apoio umas das outras. Desse modo, as candidaturas se consolidam e fortalecem umas às outras, pois passaram por um ciclo formativo e de capacitação política, fazendo com que elas se sintam preparadas, seguras, confiantes e, principalmente, juntas para seguirem em busca da eleição. Esse tipo de atuação subverte a lógica individualista da política, demonstrando que é possível construir uma atividade política pautada na solidariedade e na formação de uma rede de apoio entre mulheres que estão lutando para ocuparem o campo político eleitoral partidário.³⁰

30 Para saber mais sobre o tema, leia a pesquisa “Combatendo a sub-representação de gênero e raça na política (2020 - 2022)”, coordenada por Hannah Maruci e Laura Astrolabio (A Tenda das Candidatas), que traz dados inéditos sobre mulheres na política. Disponível em: <<https://atendadascandidatas.org/pesquisa-combatendo-a-sub-representacao-de-genero-e-raca-na-politica-2020-2022/>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

2.2 A ATUAÇÃO D'A TENDA DAS CANDIDATAS NO MOMENTO PÓS-ELEIÇÕES 2022 PARA MULHERES NÃO ELEITAS

A atuação das organizações sociais é essencial para a superação da sub-representação das mulheres na política, pois investem na formação de mulheres que, de outro modo e em outro lugar, não encontrariam espaço para sua atuação e para se prepararem para a disputa eleitoral. Sem essa formação elas não estariam munidas das ferramentas necessárias para concorrer contra homens, que são os detentores ou os herdeiros do capital político e social, além de serem os preferidos pelos partidos no momento da distribuição dos recursos financeiros para as campanhas eleitorais. O letramento a respeito de campanhas políticas eleitorais oferecido pela formação é imprescindível para a participação da corrida eleitoral partidária que é um processo oneroso para as candidatas. Porém, grande parte dessa atuação se limita ao momento anterior às eleições - conforme demonstramos no Capítulo 1 -, fazendo com que as mulheres não tenham um direcionamento de como atuar após um resultado que se traduziu em cadeiras, que é a medida de sucesso utilizada pelos partidos, inclusive para a distribuição de recursos financeiros nas eleições seguintes, por exemplo. **Há, evidentemente, um problema em medir o sucesso eleitoral com a ideia de que se é bem sucedida/o aquela/e que conseguiu ser eleita/o.**

Considerando a importância das candidatas que não foram eleitas e como as desigualdades de gênero e raça afetam essas mulheres inclusive durante o período que sucede as eleições, A Tenda das Candidatas realizou, após as eleições de 2022, uma formação inédita para essas mulheres, que sofrem com a estrutura machista e elitista que atua afastando-as da política em todas as etapas da disputa eleitoral.

A FORMAÇÃO OFERTADA PEL'A TENDA APÓS AS ELEIÇÕES DE 2022 REPRESENTA UMA INICIATIVA PIONEIRA COM FOCO NAS MULHERES NÃO ELEITAS.



ATENÇÃO

VOCÊ É UMA MULHER PCD, FOI CANDIDATA NESSAS ELEIÇÕES, MAS NÃO SE ELEGEU?

A formação para candidatas não eleitas é para você!

INSCRIÇÕES DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

A TENDA

ATENÇÃO

VOCÊ É UMA MULHER LBTQIA+, FOI CANDIDATA NESSAS ELEIÇÕES, MAS NÃO SE ELEGEU?

A formação para candidatas não eleitas é para você!

INSCRIÇÕES DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

A TENDA

ATENÇÃO

VOCÊ É UMA MULHER INDÍGENA, FOI CANDIDATA NESSAS ELEIÇÕES, MAS NÃO SE ELEGEU?

A formação para candidatas não eleitas é para você!

INSCRIÇÕES DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

A TENDA

ATENÇÃO

VOCÊ É UMA MULHER NEGRA OU QUILOMBOLA, FOI CANDIDATA NESSAS ELEIÇÕES, MAS NÃO SE ELEGEU?

A formação para candidatas não eleitas é para você!

INSCRIÇÕES DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

A TENDA

FORMAÇÃO PARA CANDIDATAS NÃO ELEITAS!

INDIQUE UMA MULHER NÃO ELEITA PARA PARTICIPAR!

RECRUTAMENTO DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

📍 Link nos stories!

A TENDA

ATENÇÃO

NÃO GANHAR A ELEIÇÃO NÃO É FRACASSO, É APENAS O COMEÇO!

INSCREVA-SE NA FORMAÇÃO PARA CANDIDATAS NÃO ELEITAS!

RECRUTAMENTO DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

📍 Link nos stories!

A TENDA

ATENÇÃO

INSCRIÇÕES ABERTAS

FORMAÇÃO PARA CANDIDATAS NÃO ELEITAS

RECRUTAMENTO DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A formação é gratuita e online.

Link nos stories!

A TENDA

AS INSCRIÇÕES ABREM NO DIA 10/10!

Conhece uma candidata que não foi eleita?
Marca ela aqui!

A TENDA

LEVANTA A CABEÇA, CANDIDATA!

A ajuda chegou! A formação para candidatas não eleitas vai oferecer desde apoio emocional, passando pela formação sobre questões burocráticas e obrigações eleitorais pós-campanha, até uma preparação para a próxima eleição.

A TENDA

O MOMENTO PÓS ELEIÇÕES É UM MOMENTO CHAVE

Ele pode ser crucial não somente pela não eleição, mas porque muitas vezes o processo é exaustivo e pode deixar como resultado traumas e desmotivação, para além de todas as obrigações eleitorais pós-campanha que devem ser cumpridas.

A TENDA

POR QUE UMA FORMAÇÃO APÓS AS ELEIÇÕES?

VEN, QUE A GENTE TE EXPLICA →

A TENDA

A TENDA ABRIRÁ FORMAÇÃO PARA CANDIDATAS NÃO ELEITAS! Formação gratuita

RECRUTAMENTO DE 10 A 23 DE OUTUBRO

A TENDA

O processo de campanha exige muito das candidatas, tanto física como psicologicamente, especialmente para mulheres negras, LGBTQIA+, indígenas, quilombolas, mães, PCD, que sofrem com uma estrutura que não lhes dá apoio para realizarem suas candidaturas. Elas são alvo de violência política de gênero e raça em seus partidos, que negligenciam suas candidaturas, e de ataques machistas, misóginos e LBTfóbicos perpetrados por desconhecidos nas ruas e na internet e, até mesmo, por seus companheiros partidários. Essa estrutura, somada ao processo eleitoral, que pode ser traumatizante e desmotivador, pode levar à exaustão física e psicológica - com sentimentos de culpa, humilhação e vergonha, conforme relatado pelas próprias candidatas - e pode, até mesmo, fazer com que muitas queiram desistir.³¹ Reconhecendo a importância do momento posterior às eleições e da necessidade de transformar o discurso que associa a não eleição ao fracasso, A Tenda das Candidatas investiu na formação de mulheres não eleitas, para que elas, que já são lideranças, não desistam de estar na política.

A Formação Pós-eleições, que teve sua primeira edição em 2022, é uma iniciativa gratuita, direcionada a mulheres defensoras dos direitos humanos que se candidataram e não foram eleitas. Na presente pesquisa o foco está exatamente nessa primeira edição que atendeu as candidatas não eleitas nas eleições de 2022.

A formação foi composta por dois blocos de aulas online: o primeiro foi realizado entre 07 e 30 de novembro de 2022 e contou com nove aulas. Já no segundo bloco, realizado entre 23 e 27 de janeiro de 2023, foram ministradas mais cinco aulas. O curso contou com a participação de diversos especialistas, perpassando temas como **análise da campanha eleitoral de 2022, suporte emocional e psicológico, análise de estratégias de campanha e técnicas e articulação política partidária, media training, violência política**, entre outros temas.³² No primeiro bloco foram realizadas nove aulas e, no segundo, cinco aulas.

Com isso, os objetivos da capacitação foram o de (i) acolher e apoiar emocionalmente as mulheres que passaram pelas eleições, que é, por vezes, uma situação limite, que as exaure emocionalmente; e (ii) garantir que elas continuem no jogo eleitoral, aprendendo com a experiência da campanha e que passem a planejar e a criar estratégias para as próximas eleições. **A formação atua, portanto, para superar a barreira que**

31 Cf. MARUCI, Hannah; ASTROLABIO, Laura. Capacitação dá apoio emocional a candidatas mulheres que não foram eleitas. In: Uol. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2022/12/05/ressaca-pos-eleicoes-um-fenomeno-de-genero-raca-e-classe.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

32 No primeiro bloco da formação, a aula de abertura foi ministrada pelas diretoras do projeto A Tenda das Candidatas, Laura Astrolabio e Hannah Maruci. O curso contou, ainda, com a participação de nove professores: Angela Chaves, Hanna Pereira, Mariana Nogueira, Nathália Ferreira, Adriana Sampaio, Eduardo Nascimento, Adriana Souza, Alice de Marchi e Marília Ramos.

impede a participação de mulheres na política, fornecendo suporte e apoio emocional para as candidatas não eleitas, encorajando-as a seguirem disputando eleições para que sejam capazes de construir candidaturas mais fortes e estabelecerem-se em suas carreiras políticas.

O propósito é, então, ressignificar a não eleição, tirando-a da chave do fracasso para que ela possa ser compreendida como uma das etapas do processo de inserção na política, e que dessa experiência se possa tirar aprendizados e lições valiosas. A literatura em Ciência Política considera que disputar uma eleição gera capital político, o que é fundamental para disputas futuras, pois essas mulheres se tornam candidatas mais competitivas no ciclo eleitoral seguinte, uma vez que já dispõem das ferramentas necessárias para realização de uma campanha política. Uma eleição é complexa e depende de vários fatores, mas é inegável que as candidatas que já disputaram uma eleição possuem vantagens sobre aqueles que nunca passaram por um processo eleitoral.³³

Portanto, a experiência acumulada por essas mulheres que já passaram por um ciclo eleitoral e a expertise adquirida ao realizar uma campanha já as coloca à frente de outras candidaturas que não conhecem as regras formais, os caminhos burocráticos nem o processo eleitoral como um todo, como as obrigações eleitorais de pós-campanha e a prestação de contas obrigatória. Nesse sentido, a formação também auxilia a vislumbrar a possibilidade de transformar a política institucional, propiciando a inclusão de mulheres negras, indígenas, quilombolas e LGBT+.



33 Cf. MIGUEL, L. F. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. *Revista de Sociologia e Política*, n. 20, p. 115-134, jun. 2003. RAMOS, Luciana, et al. *Candidatas em jogo: um estudo sobre os impactos das regras eleitorais na inserção de mulheres na política*. São Paulo: FGV Direito SP, 2020. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/29826>>.

3.



VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO E RAÇA E SUB-FINANCIAMENTO ELEITORAL

Discutimos até aqui a importância da formação continuada oferecida pela Tenda das Candidatas, que reside no fato de que esse acompanhamento possibilita que mulheres resistam e persistam na política, esse espaço que as deixam sujeitas a situações de violência política de gênero e raça constante.

Com relação a esse tema, nos últimos anos, as eleições vêm sendo marcadas por episódios de violência política contra minorias políticas³⁴. Estas ocorrências se tornam mais um dos motivos que contribuem para que as mulheres se afastem da política. Embora não se restrinja ao período eleitoral, é nesse momento que os casos de violência política se intensificam.

Os casos de violências se caracterizam, principalmente, por intimidações e ameaças à integridade física de mulheres nas ruas e nas redes sociais. No entanto, esses casos não se restringem a esse aspecto, pois também podem ser de ordem psicológica, econômica e simbólica (Krook, Restrepo Sanín, 2016). Isso inclui as atitudes dos partidos que não fornecem os recursos necessários para a realização de campanhas políticas ou das atitudes que deslegitimam as candidaturas de mulheres. A violência é ainda mais acentuada para mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ pois, por

³⁴ Minoria, aqui, não faz referência ao número de pessoas, mas refere-se aos grupos sociais historicamente excluídos dos espaços de representação política eleitoral que são, principalmente, as mulheres negras, indígenas e LGBTQIA+.

conta do racismo, sexismo e LGBTfobia, esses grupos enfrentam uma maior vulnerabilidade, tornando-se alvos de violência política de gênero e raça ao ocuparem espaços de poder.

Em 2020, de acordo com pesquisa da Gênero e Número, foram registrados 150 casos de violência política (contra homens e mulheres), sendo 130 no primeiro turno e 20 no segundo turno. Foram considerados apenas os casos de “violência presencial”, isto é, aqueles que acontecem nas ruas, o que não inclui ataques online ou por telefone. Além da violência física, foram registrados casos de violência psicológica e moral e violência patrimonial.³⁵

Complementarmente, os dados da pesquisa “A violência política contra mulheres negras” (2020), produzido pelo Instituto Marielle Franco, apontam que 98,5% das entrevistadas sofreram mais de um tipo de violência política. Os principais tipos foram: violência virtual (78%), violência moral e psicológica (62%), violência institucional (55%), violência racial (44%), violência física (42%), violência sexual (32%) e violência de gênero e/ou LGBTQIA+ (28%). **A pesquisa ainda revela que oito em cada dez mulheres negras sofreram violência virtual durante as campanhas de 2020.**

O processo eleitoral de 2022 também foi marcado por casos de violência política. No estudo “Violência Política e Eleitoral no Brasil”, realizado pelas ONGs de direitos humanos Justiça Global e Terra dos Direitos, **foram registrados 2 casos de violência política por dia no Brasil durante o período eleitoral (considerando homens e mulheres).** Os estados com mais casos foram São Paulo (24), Rio de Janeiro (22) e Bahia (20). **O número de casos de violência política e eleitoral foi 400% maior do que o registrado em 2018.**³⁶

De acordo com a mesma pesquisa, os principais tipos de violência identificados foram: atentados, ameaças, agressões e ofensas. Entre 1 de agosto e 2 de outubro de 2022 foram registrados 121 casos de violência: em 65,2% dos casos os alvos foram homens (correspondente a 73), enquanto em 43,8% foram mulheres (corresponde a 43 mulheres cis e 5 mulheres transexuais e travestis). Entre as mulheres cis, 53,4% são brancas (corresponde a 23); 37,2% são negras (pretas e pardas) (corresponde a 16); 4,5% são indígenas (corresponde a 2) e 4,6% são amarelas (corresponde a 2).

35 Os dados sobre violência podem ser acessados na Gênero e Número. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/violencia-eleicoes/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

36 Foram mapeados 523 casos de violência política, que envolveram 482 vítimas entre representantes de cargos eletivos, candidatos/as ou pré-candidatos/as e agentes políticos. O estudo analisou o período entre 2 de setembro de 2020 e 2 de outubro de 2022. Pesquisa “Violência Política e Eleitoral no Brasil”. Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/>> Acesso em: 02 jun. 2023.
“Brasil tem 2 casos de violência política por dia nas eleições, diz pesquisa”. UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/10/brasil-tem-2-casos-de-violencia-politica-por-dia-nas-eleicoes-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em 02 jun. 2023.

Entre as mulheres transexuais e travestis, 60% (3) são brancas; e 40% (2) são pretas.³⁷

Após a aprovação da Lei de Violência Política Contra a Mulher (Nº 14.192/2021), o Ministério Público Federal recebeu 112 denúncias de violência política, o que representa uma **média de sete casos por mês** envolvendo tentativas de constranger, ameaçar e humilhar candidatas ou legisladoras eleitas no período entre 2021 e 2022³⁸. No entanto, a primeira condenação por violência política de gênero ocorreu somente três anos após a sanção da lei: em maio de 2024, o deputado estadual Rodrigo Amorim foi sentenciado à prisão por fazer comentários transfóbicos sobre a vereadora Benny Briolly (PSOL - Niterói, Rio de Janeiro). A pena foi convertida em pagamento de multa e serviços comunitários.³⁹

Conforme verificado nesta pesquisa (apresentaremos os dados a seguir), os casos de violência política de gênero e raça ocorrem em diversos espaços, inclusive nos parlamentos e dentro dos partidos políticos. Isso agrava a vulnerabilidade de mulheres negras e LBTQIA+, que não encontram apoio necessário nesses espaços que deveriam favorecer sua inserção na política. Contrariando as expectativas de que seriam espaços de acolhimento, os partidos são, na verdade, ambientes hostis à participação de mulheres. Essa é uma estrutura complexa que tem por efeito a sistemática exclusão de mulheres, sobretudo negras, pois elas estão disputando espaço com os detentores do poder e das regras do jogo político, que já estão estabelecidos em suas carreiras políticas. Logo, um sistema controlado, em geral, por homens brancos e de meia idade, em uma estrutura racista e LGBTfóbica, tem como único efeito fazer com que as mulheres desistam da política.⁴⁰

37 Dados reproduzidos da pesquisa “Violência política e eleitoral no Brasil”. Esses dados se referem ao período de 1 de agosto a 2 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

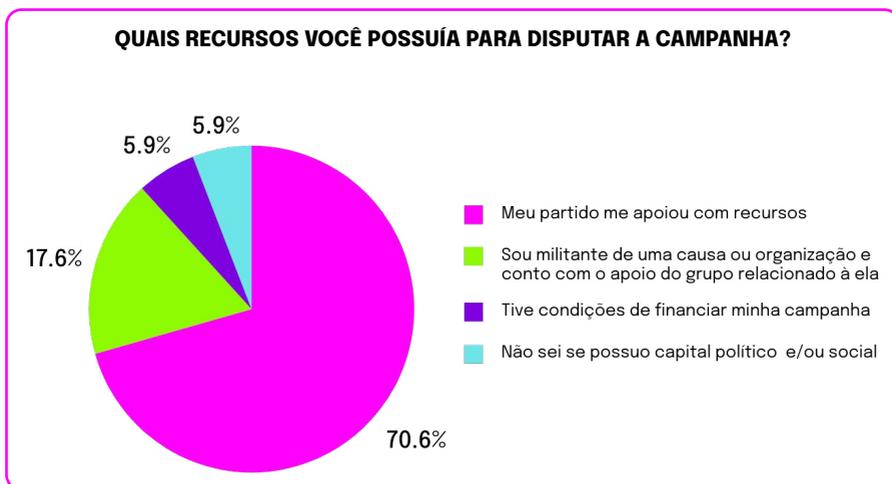
38 “Violência política de gênero: Brasil registra sete casos a cada 30 dias”. Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/violencia-politica-de-genero-brasil-registra-sete-casos-a-cada-30-dias>

39 “TRE condena deputado Rodrigo Amorim por violência política de gênero”. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/tre-condena-deputado-rodrigo-amorim-por-violencia-politica-de-genero>.

40 “Perfil médio do deputado federal eleito é homem, branco, casado e com ensino superior”. In: G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/21/perfil-medio-do-deputado-federal-eleito-e-homem-branco-casado-e-com-ensino-superior.ghtml>>. Acesso em: 08 jun. 2023

3.1 FORMAÇÃO PÓS-ELEIÇÕES: DADOS DE VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO E RAÇA

Entre as 17 mulheres selecionadas para a formação pós-eleições d'A Tenda das Candidatas, 70,6% (correspondente a 12 mulheres) relataram que o único instrumento que possuíam para disputar a eleição foi o apoio de seus partidos para a realização de suas campanhas eleitorais. Já 17,6% (correspondente a 3 mulheres) relataram ser militantes de uma causa ou organização e, com isso, contaram com o apoio desse grupo; enquanto 5,9% (correspondente a 1 mulher) diz não saber se possui algum tipo de capital político e/ou social que lhe permitisse disputar uma eleição. Em contraste, 5,9% (correspondente a 1 mulher) relata ter condições próprias para financiar sua campanha eleitoral - sendo este um número bem maior quando se trata da candidatura de homens que, eleição após eleição, dispõem de recursos próprios e familiares para custear os gastos de campanhas milionárias.



Com relação ao financiamento de campanha, mais de dois terços (64,7% correspondente a 11) relatam ter tido problemas para receber os recursos financeiros de seus partidos, pois o que receberam não estava de acordo com o que esperavam. Já 35,3% (correspondente a 3) disseram não ter tido problemas e que receberam o valor esperado.

A Tenda das Candidatas ofereceu um guia prático intitulado **“Desculpas não pagam campanhas”**,⁴¹ que foi utilizada por 52,9% das mulheres (correspondente a 9) para realizar pressão sobre os partidos; elas consideraram o material relevante para conseguirem negociar com suas

41 Para saber mais sobre o guia “Desculpas não pagam campanhas”, acesse: <<https://atendadascandidatas.org/guia-desculpas-nao-pagam-campanhas/>>.

legendas. Por outro lado, há aquelas que não utilizaram a cartilha pois não tinham conhecimento sobre o material (23,5% correspondente a 4) e porque não acharam o material relevante (17,6% correspondente a 3). Há, ainda, uma pessoa que utilizou o material, mas relata que ele não ajudou na negociação com o partido (5,9% correspondente a 1).

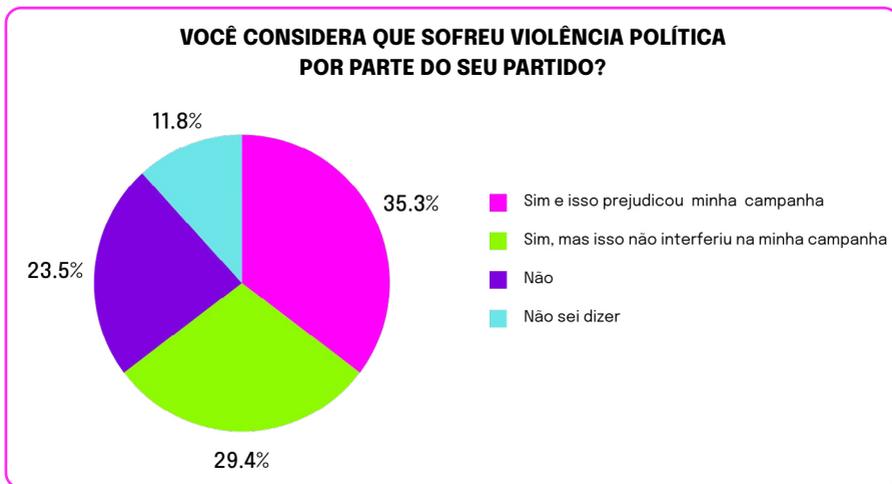
SE VOCÊ PRECISOU FAZER PRESSÃO SOBRE SEU PARTIDO, UTILIZOU O GUIA 'DESCULPAS NÃO PAGAM CAMPANHAS' FORNECIDO PEL'A TENDA?



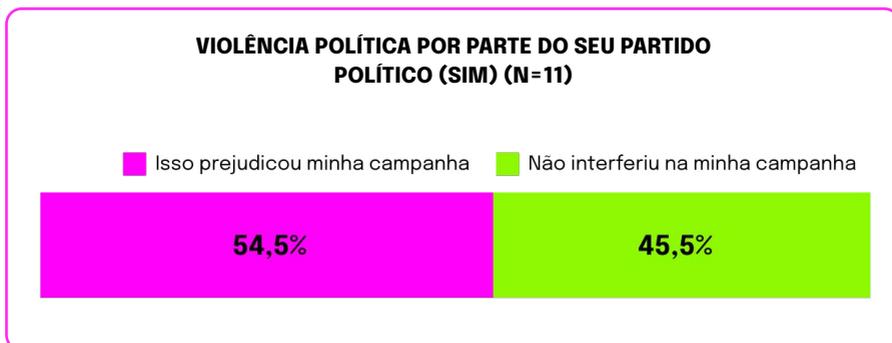
O sub-financiamento eleitoral demonstra que as mulheres também enfrentam violência política com relação à desigual distribuição de recursos públicos. Assim, entender **o sub-financiamento de mulheres como um tipo de violência política tem como efeito demonstrar que essa é mais uma das inúmeras violências políticas de gênero e raça às quais as mulheres políticas estão submetidas.**



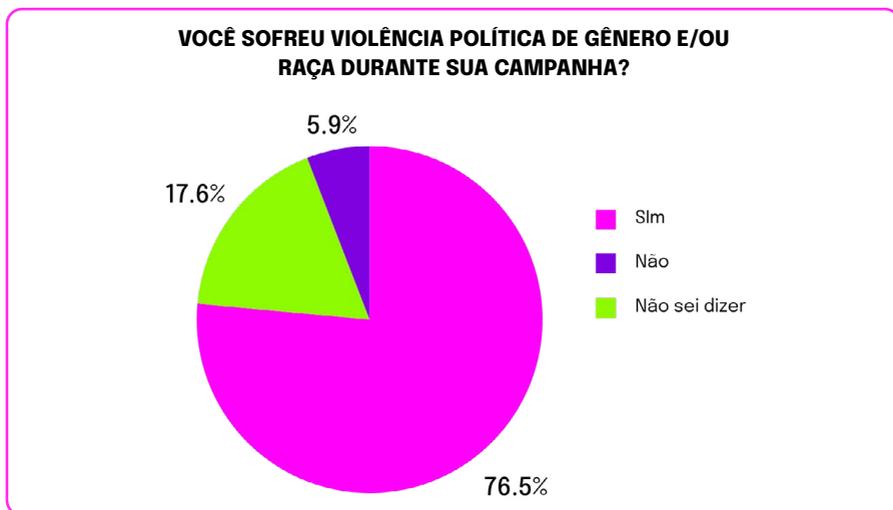
Com relação à violência política de gênero e raça, **mais de dois terços (64,7% correspondente a 11) relataram ter sido alvo de violência dentro de seus próprios partidos**, enquanto 23,5% (correspondente a 4) dizem não ter sofrido violência política por parte de seus partidos e outros 11,8% (correspondente a 2) relatam não saber dizer se sofreram ou não.



Entre as que sofreram violência política, mais da metade pontua que esse(s) episódio(s) prejudicou(ram) suas campanhas (54,5% correspondente a 6), enquanto outras relatam que isso não interferiu em suas campanhas (45,5% correspondente a 5). Esses dados só demonstram como as mulheres estão vulneráveis, mesmo dentro de seus partidos, sendo alvos de ataques racistas, sexistas e LBTfóbicos no dia a dia da política.



Mas não é apenas dentro dos partidos que elas estão sujeitas à violência política; essa violência pode ocorrer em outros âmbitos e ser perpetrada por diferentes agentes. Foi assim que 76,5% (correspondente a 13) das entrevistadas responderam que sofreram violência política de gênero e/ou de raça durante sua campanha. Enquanto 17,6% (correspondente a 3) não sabem dizer se o que vivenciaram foi um caso de violência política; e 5,9% (corresponde a 1) relatou não ter sido vítima de violência durante sua campanha eleitoral.



O que chama a atenção é que, entre as mulheres que sofreram violências (N = 13), somente 23,1% (correspondente a 3) denunciaram a ocorrência, enquanto a maioria, isto é, 76,9% (correspondente a 10), não fez nenhum tipo de denúncia. Esses dados não destoam do cenário de violência no país, pois a maioria das mulheres não denuncia seus agressores a um órgão oficial, nem procuram apoio da família ou de amigos.⁴²



⁴² "Maioria das mulheres não denuncia agressor à polícia ou à família, indica pesquisa". In: Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/maioria-das-mulheres-nao-denuncia-agressor-a-policia-ou-a-familia-indica-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Entre as mulheres atendidas, os tipos de violência mais mencionados são o assédio moral, calúnias e difamações, tentativa de agressão, ameaça de morte, perseguição e racismo religioso. Esses casos de violências estão, invariavelmente, combinadas com discursos transfóbicos, racistas e LGBTfóbicos.

Com relação ao impacto da candidatura em sua saúde mental, mais de um terço das mulheres afirmam que a campanha eleitoral teve impacto negativo sobre sua saúde (35,3% correspondente a 6), enquanto aproximadamente metade das mulheres (47,1% correspondente a 8) afirma que, em certa medida, a campanha eleitoral as afetou; já 11,8% (correspondente a 2) acreditam que não foram afetadas; e 5,9% (correspondente a 1) relatam que não sabem dizer se foram ou não afetadas.

Por fim, as principais dificuldades de campanha apontadas pelas atendidas foram: financiamento coletivo (64,7%); formação de equipe (64,7%); articulação com apoiadores (58,8%); apoio político (41,2%); gestão de redes sociais (41,2%); lista de transmissão no Whatsapp (41,2%); negociação com o partido (41,2%); rede de apoio (41,2%); violência política de gênero e raça (35,3%); calendário de campanha (23,5%); preparação emocional (23,5%); produção de conteúdo para redes sociais (17,6%). Todos esses aspectos apenas evidenciam como é mais difícil para mulheres, especialmente negras, realizarem campanhas políticas e disputarem cadeiras com homens, que já possuem expertise e têm o apoio de seus partidos políticos, assim como de seus colegas.

QUAL FOI A MAIOR DIFICULDADE QUE ENFRENTOU EM SUA CAMPANHA?



As negociações com o partido são, por vezes, difíceis e conflituosas. O partido promete apoio e recursos às mulheres, mas, frequentemente, esses valores não são repassados, o que, conseqüentemente, afeta suas candidaturas. Ao mesmo tempo, o partido destina mais recursos para candidaturas de pessoas que já possuem capital político, que, via de regra, são homens. Nesse cenário, o financiamento de campanhas aparece como um dos aspectos mais importantes para uma candidatura ser bem sucedida nas urnas (Sacchet, Speck, 2012). Essas violências de natureza econômica e simbólica, aliadas às violências físicas e psicológicas, evidenciam os constantes desafios enfrentados pelas mulheres na política, gerando sentimentos de frustração e desvalorização, que podem, até mesmo, levar ao afastamento delas da política.

Além disso, é importante considerar que nem todas as pessoas denunciam casos de violência devido à impunidade e ao medo de que a denúncia possa impactar suas carreiras políticas, especialmente no caso de mulheres negras e indígenas, que já estão em situação de maior vulnerabilidade. Um exemplo pode ser observado nos dados do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados que, em 20 anos (entre 2001 e 2021), recebeu 150 denúncias, das quais apenas 7 foram reconhecidas como casos de violência política contra mulheres, e nenhuma resultou em punição.⁴³ Isso indica que as mulheres nem sempre se sentem confortáveis para reportar esses incidentes, dado o baixo número de denúncias, já que os perpetradores raramente são responsabilizados. Como resultado, elas continuam sendo afetadas, o que contribuiu para sua sub-representação e desencoraja tanto elas quanto outras mulheres a seguir uma carreira política. Essa situação é ainda mais grave para mulheres negras e indígenas, que, além da violência política de gênero e raça, enfrentam diversas outras barreiras para acessar a política institucional, como as duplas e triplas jornadas, a falta de uma rede de apoio e a ausência de preparo para a realização de uma campanha política, além de dificuldades com relação ao financiamento eleitoral.



43 PINHO, T. R. de. Debaixo do Tapete: A Violência Política de Gênero e o Silêncio do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados. Revista Estudos Feministas, n. 28, v. 2, p. 1-14, 2020.

4.



FORMAÇÃO PÓS-ELEIÇÕES 2022 D'A TENDA: DADOS E DEPOIMENTOS

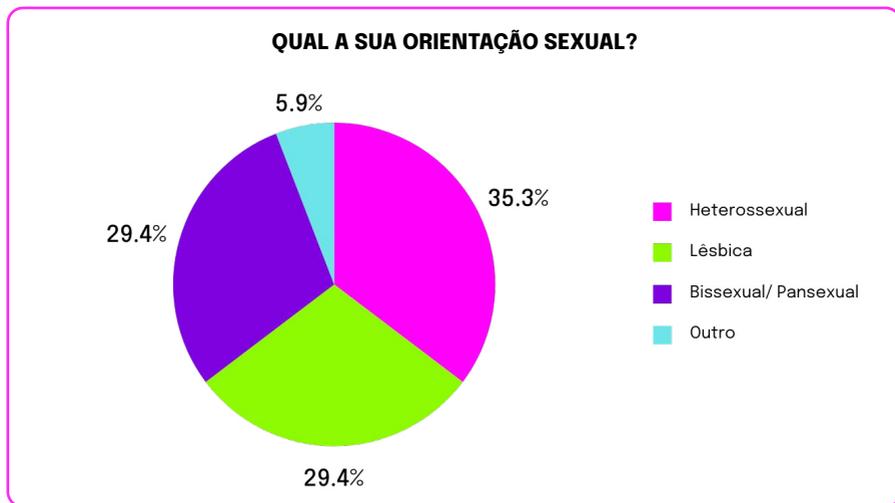
4.1 PERFIL DAS MULHERES ATENDIDAS PEL'A TENDA DAS CANDIDATAS

A Tenda das Candidatas recebeu a inscrição de **39 mulheres interessadas** em participar da **formação Pós-eleições para candidatas** não-eleitas. Entre essas, foram selecionadas **17 mulheres** não-eleitas em **2022** para receberem atendimento após as eleições. Entre as selecionadas, **76,5%** (correspondente a 13) são **negras**; **11,8%** (correspondente a 2) são brancas; e **11,8%** (correspondente a 2) são indígenas.

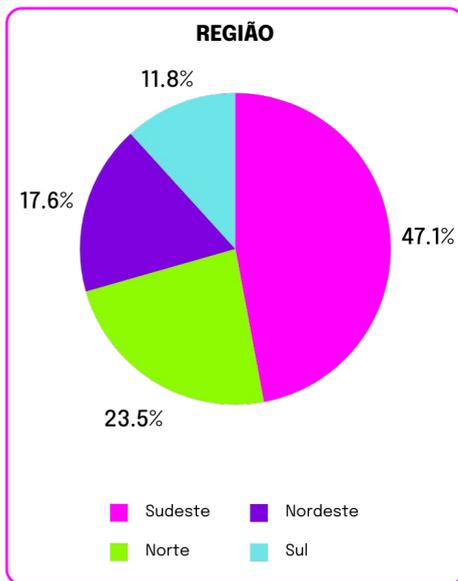


Com relação à orientação sexual, há mais mulheres LBTQIA+ (58,8% correspondente a 10) do que heterossexuais (35,3% correspondente a 6).

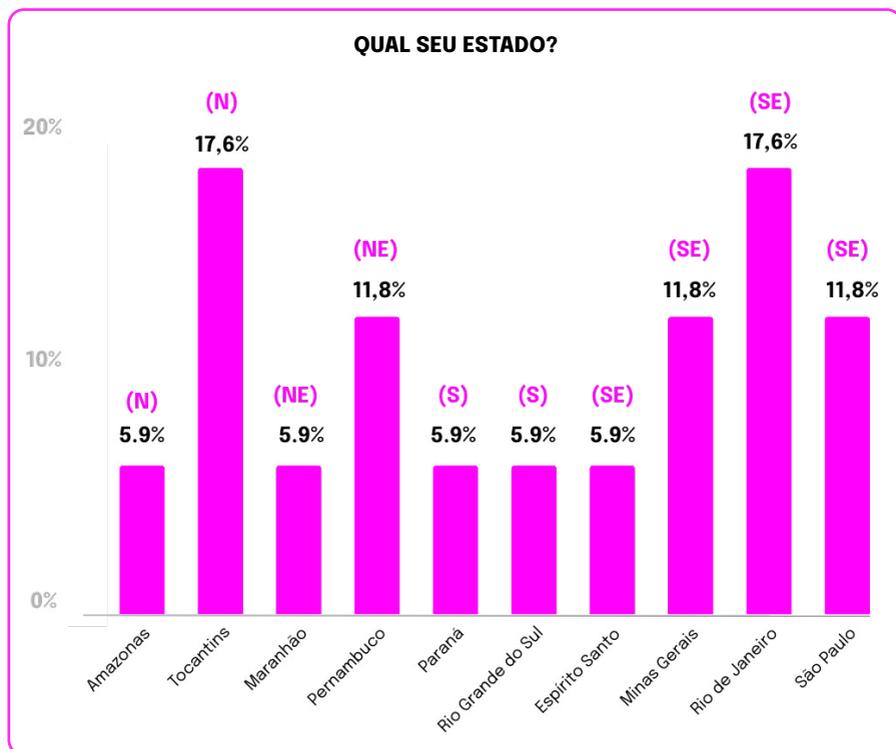
Entre as mulheres selecionadas, 29,4% (correspondente a 5) se identificam como bissexual ou pansexual, e 29,4% (correspondente a 5) se identificam como lésbica. Já as heterossexuais representam 35,3% (correspondente a 6) do total. A categoria Outro corresponde a 5,9% (correspondente a 1) do total.



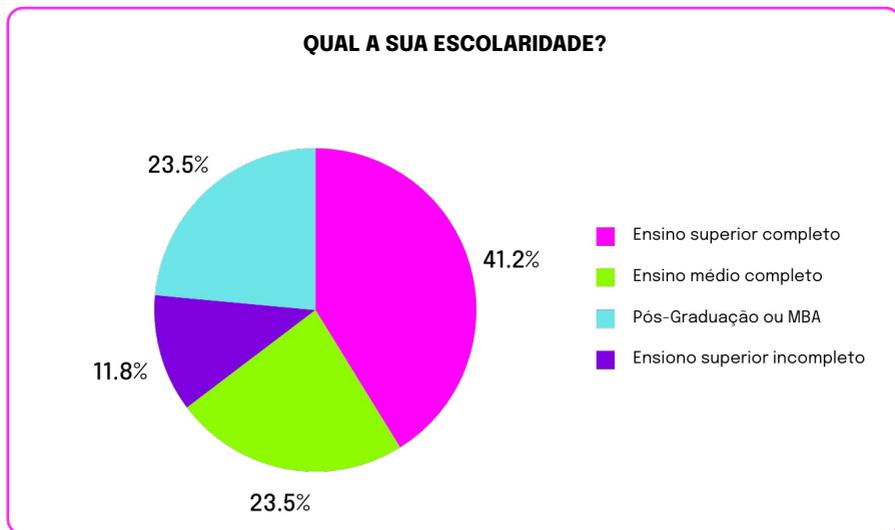
Já no que diz respeito à distribuição geográfica, foram selecionadas mulheres de quatro regiões no território brasileiro. A maioria é do Sudeste (47,1% correspondente a 8); seguida pelas regiões Norte (23,5% correspondente a 4); Nordeste (17,6% correspondente a 3); e Sul (11,8% correspondente a 2).



Foram, portanto, selecionadas mulheres dos estados do Amazonas (5,9% correspondente a 1) e Tocantins (17,6% correspondente a 3), na região Norte; Maranhão (5,9% correspondente a 1) e Pernambuco (11,8% correspondente a 2), na região Nordeste; Paraná (5,9% correspondente a 1) e Rio Grande do Sul (5,9% correspondente a 1), na região Sul; e Espírito Santo (5,9% correspondente a 1), Minas Gerais (11,8% correspondente a 2), Rio de Janeiro (17,69% correspondente a 3) e São Paulo (11,8% correspondente a 2), no Sudeste.



Com relação à escolaridade, **aproximadamente dois terços das mulheres (64,7% corresponde a 11) cursaram o ensino superior** (considerando aquelas que concluíram a graduação e as que possuem pós-graduação ou MBA). Isto é, 41,2% (correspondente a 7) possuem o ensino superior completo e 23,5% (correspondente a 4) cursaram uma pós-graduação ou MBA. Já outros 11,8% (correspondente a 2) não concluíram a graduação. Por fim, 23,5% (correspondente a 4) possuem o ensino médio completo.

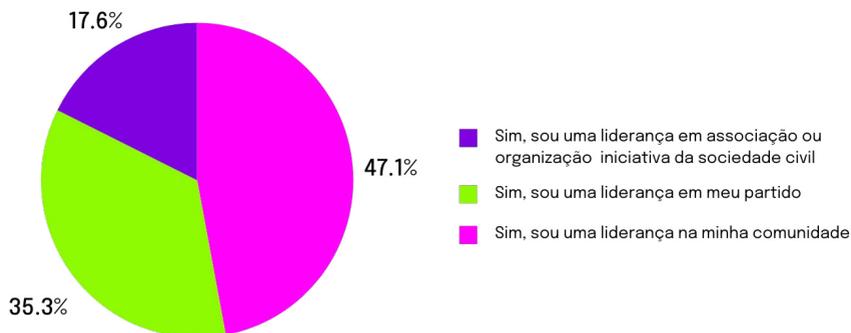


4.1.2 CANDIDATAS NÃO-ELEITAS 2022: LIDERANÇA POLÍTICA E ELEIÇÕES

Entre as mulheres selecionadas, é relevante pontuar que todas se consideram lideranças políticas: 47,1% (correspondente a 8) se consideram uma liderança em sua comunidade; 35,3% (correspondente a 6) se consideram lideranças em seus partidos; e outras 17,6% (correspondente a 3) se consideram uma liderança em associação ou organização de iniciativa da sociedade civil. Esse é um dado contrastante com o encontrado em pesquisa anterior, em que verificou-se, entre as mulheres inscritas, uma maior dificuldade em se perceber como uma liderança política, principalmente entre as mulheres negras⁴⁴.

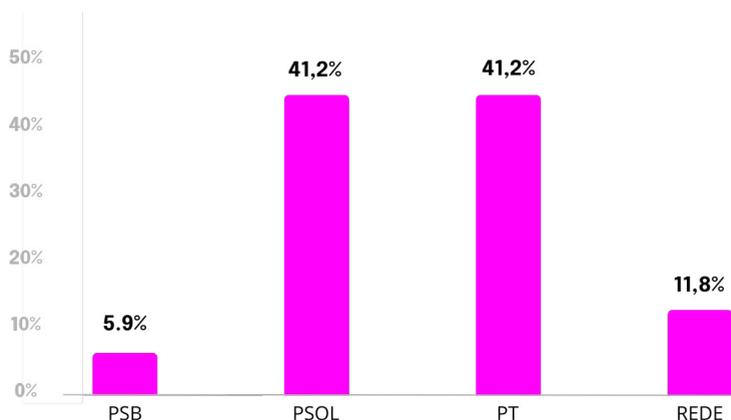
⁴⁴ Entre as 585 mulheres inscritas na Temporada 2021-22, somente 72,8% (correspondente a 426) se consideravam lideranças políticas. Para saber mais, acesse a pesquisa "Combatendo a sub-representação de gênero e raça na política (2020 - 2022)", 2023. Disponível em: <<https://atendadascandidatas.org/pesquisa-combatendo-a-sub-representacao-de-genero-e-raca-na-politica-2020-2022>>.

VOCÊ SE CONSIDERA UMA LIDERANÇA POLÍTICA?



Atualmente, entre as selecionadas, 41,2% (correspondente a 7) estão filiadas ao PSOL; 41,2% (correspondente a 7) filiadas ao Partido dos Trabalhadores; e 11,8% (correspondente a 2) estão filiadas à Rede; e 5,9% (correspondente a 1) está filiada ao PSB. **A maioria pretende continuar no partido ao qual está filiada** (88,2% correspondente a 15); já outras 11,8% (correspondente a 2) ainda não sabem se continuarão no mesmo partido. Diante da perspectiva de disputar mais uma eleição, **a maioria das mulheres selecionadas relatou ter pretensão de se candidatar em 2024.**

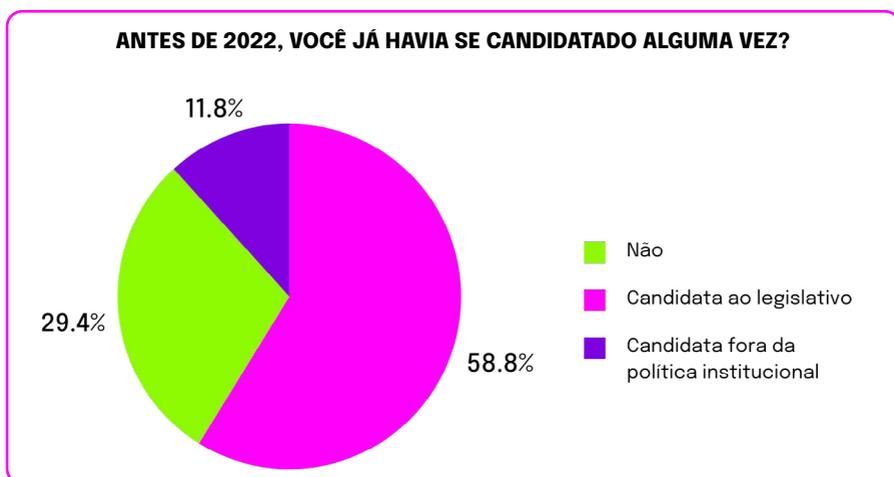
A QUAL PARTIDO VOCÊ É FILIADA?



Chama a atenção que 88,2% (correspondente a 15) declaram ter desejo de se candidatar em 2024. Somente 11,8% (correspondente a 2) declararam não saber ou não terem decidido ainda.



Com relação a experiências anteriores, 58,8% (correspondente a 10) das selecionadas já haviam disputado outra eleição para o legislativo (Câmaras Municipais ou Distrital, Assembleias Estaduais, Câmara ou Senado Federal), enquanto 29,4% (correspondente a 5) não haviam disputado eleições antes de 2022. Já outros 11,8% (correspondente a 2) disputaram eleições fora da política institucional, em sindicatos, Prefeituras Comunitárias, Associações de Bairro ou Profissionais, entre outros.



4.2 DEPOIMENTOS DAS MULHERES QUE PASSARAM PELA FORMAÇÃO PÓS-ELEIÇÕES



Entre as 17 mulheres selecionadas para participarem da Formação Pós-eleições d'A Tenda das Candidatas, foram contabilizadas três desistências. Assim, 14 mulheres participaram ativamente das aulas.⁴⁵

Considerando as 14 mulheres que participaram da Formação Pós-eleições d'A Tenda das Candidatas, 13 mulheres responderam ao formulário de avaliação após o fim do primeiro bloco do curso. Elas avaliaram o curso de forma positiva; e o maior destaque foi para o domínio do tema por parte das professoras (que foi avaliado em 100%) e para o diálogo entre o processo de campanha que vivenciaram e os temas abordados nas aulas ministradas. Desse modo, **todas as mulheres selecionadas relataram que a Formação Pós-eleições contribuiu para ampliar as estratégias para uma próxima campanha eleitoral** - para a qual, como apontado na seção anterior, a maioria das mulheres tem interesse em participar como candidata.

TODAS RELATARAM, AINDA, QUE, COMO AS AULAS FORAM RELEVANTES PARA SUA FORMAÇÃO, ELAS INDICARIAM O CURSO PARA OUTRAS LIDERANÇAS.

Com relação às aulas do primeiro bloco, que versavam sobre temas pertinentes à formação política eleitoral das selecionadas, elas chamaram atenção para a importância das aulas sobre **violência política; prestação de contas; media training; estratégia política; e mentoria psicológica**. Ao destacar essas aulas, as mulheres atendidas evidenciam a importância de discutir temas sobre os quais não tinham experiência, tanto do papel fundamental das aulas para entenderem sobre o processo pelo qual passaram, como para lidar com as burocracias resultantes do processo eleitoral, como a prestação de contas, sobre a qual elas não recebem

⁴⁵ Há inúmeros motivos pelos quais as mulheres desistem da formação. Em pesquisa anterior, mapeamos, por meio de formulários de avaliação e durante as aulas, as principais dificuldades apresentadas pelas mulheres que desistiram ou que tiveram dificuldades de participar da formação em 2022, entre as quais destacam-se: baixa qualidade da internet e conexão instáveis; as atividades de cuidado e a dupla jornada de trabalho; a dificuldade de conciliar trabalho remunerado com outras atividades; e o adoecimento mental. Cf. MARUCI, Hannah; ASTROLABIO, Laura (coord.), 2023, p. 54-56.

apoio por parte dos partidos políticos. Portanto, o curso contribuiu não só para a formação política das atendidas, como também as auxiliou a lidar com questões relativas ao processo eleitoral e lhes forneceu aprendizados que podem prepará-las para uma disputa eleitoral futura.

4.2.1 DEPOIMENTOS SOBRE A FORMAÇÃO

Ao término do primeiro bloco de aulas, as participantes puderam compartilhar suas percepções e experiências relacionadas aos tópicos discutidos durante o curso. Os trechos aqui destacados chamam a atenção para os temas que elas consideram mais importantes, como a violência política de gênero e raça que, muitas vezes, foi apontada como um dos maiores desafios para a campanha, bem como um dos motivos pelos quais elas desistiram de suas candidaturas. Os depoimentos a seguir preservam a identidade das lideranças atendidas e, por isso, foram anonimizados, e apresentam a reprodução literal dos comentários e depoimentos das atendidas.

ATENDIDAS COMENTAM SOBRE AS AULAS QUE CONSIDERARAM MAIS IMPORTANTES (PRIMEIRO BLOCO DA FORMAÇÃO):

“[A AULA MAIS IMPORTANTE PARA MIM FOI A SOBRE] VIOLÊNCIA POLÍTICA. PORQUE NÃO IMAGINAVA TANTAS VIOLÊNCIAS E VER ISSO COLETIVAMENTE TIROU O PESO DA CULPA DA DERROTA.”



“QUANDO FALAMOS SOBRE VIOLÊNCIA POLÍTICA QUE SOFREMOS DURANTE ESSE PROCESSO ME SENTI ABRAÇADA DE LONGE. FOI FUNDAMENTAL SABER (IN LOCU) QUE OUTRAS MULHERES TRAVARAM LUTAS, NÃO DESISTIRAM, E TENHO CERTEZA QUE SAÍMOS FORTALECIDAS.”



“QUANDO PUDEMOS FALAR COMO HAVIA SIDO O PROCESSO ELEITORAL PRA CADA UMA DE NÓS, EU NÃO CONSEGUI VERBALIZAR PORQUE AINDA ESTOU MUITO SENSÍVEL COM TUDO QUE ME OCORREU MAS FOI BOM OUVIR AS COMPANHEIRAS.”

CONSIDERAÇÕES

GERAIS SOBRE AS

AULAS DA FORMAÇÃO:

“



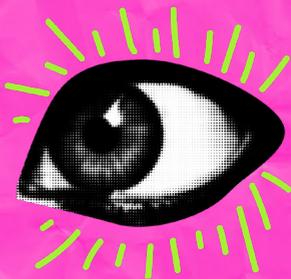
”

“[A AULA MAIS IMPORTANTE PARA MIM FOI A SOBRE] MEDIA TRAINING. COMUNICAÇÃO FOI ALGO QUE ME DESESTABILIZOU P& ACABEI SENDO A COORDENADORA DA MINHA PRÓPRIA CAMPANHA E ISSO FOI MUITOOOOO DESGASTANTE. TAMBÉM AMEI A AULA DE VIOLÊNCIA POLÍTICA P& ME FEZ CURAR MUITAS FERIDAS.”



“PRESTAÇÃO DE CONTAS, MUITAS DE NÓS ENCERRAMOS O PROCESSO ELEITORAL SEM SABER COMO FAZER UMA BOA PRESTAÇÃO DE CONTAS E AS AULAS SERVIRÃO PARA CHEGARMOS MELHOR PREPARADAS PARA PRÓXIMAS DISPUTAS ELEITORAIS.”

“NÃO LEMBRO O NOME DA PROFESSORA, MAS A PSICOLÓGICA, POIS A MAIORIA DAS COMPANHEIRAS FICARAM COM O PSICOLÓGICO MUITO ABALADO”.





“(…) NA PRÁTICA DO PROCESSO ELEITORAL (AINDA ANTES DE SERMOS A CANDIDATA) NÓS COLOCAMOS EM PRÁTICA, TODOS OS DIAS, OS APRENDIZADOS DA AULA. DESDE A POSTURA NA NEGOCIAÇÃO COM O PARTIDO, ATÉ ESTRATÉGIA DE REDES SOCIAIS, ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA, ORGANIZAÇÃO DE EQUIPE, TUDO! SÓ GRATIDÃO POR ESSE APRENDIZADO INTERDISCIPLINAR ♥”

Nota-se que o tema da violência política foi um tópico importante a ser abordado, pois as mulheres se identificaram com o que foi discutido, assim como as aulas sobre media training e prestação de contas. Elas se sentem gratas pela oportunidade de compartilhar suas experiências, fortalecendo-se pessoalmente e como candidatas. A criação de um espaço como esse, em que é possível o compartilhamento de experiências e aprendizados, permite que as mulheres entendam as situações de violência política de gênero e raça que passaram durante o período eleitoral - e que não se restringe a esse momento -, como também sobre as formas para lutar contra elas.



4.2.2 DEPOIMENTOS SOBRE O PÓS-ELEIÇÕES E A FORMAÇÃO D'A TENDA DAS CANDIDATAS

As mulheres atendidas ainda relataram os sentimentos que tiveram com relação à campanha eleitoral - que aconteceu antes da realização da primeira parte da Formação pós-eleições -, destacando as sensações de ansiedade, abatimento, derrota, cansaço, vergonha e insatisfação com os resultados alcançados (como a baixa votação, por exemplo). Mesmo aquelas que terminaram o processo eleitoral confiantes relataram também que estavam em dúvida sobre sua participação na disputa das eleições de 2024.



DEPOIMENTOS SOBRE SENTIMENTOS QUE TIVERAM COM RELAÇÃO À CAMPANHA ELEITORAL

“DERROTADA, DEPRIMIDA, COM VONTADE DE MORRER E SUMIR.”

“ESTAVA ME SENTINDO CULPADA POR ALGUMAS QUESTÕES QUE ACONTECEU DURANTE O PERÍODO DA ELEIÇÃO.”

“MUITO ABATIDA E COM VERGONHA POR NÃO VENCER.”

“APESAR DE FELIZ COM A AMPLIAÇÃO DE VOTOS EM RELAÇÃO A 2020, ESTAVA UM POUCO DECEPCIONADA POIS ESPERAVA UM RESULTADO AINDA MAIOR.”



ANSIEDADE

CANSAÇÃO

ABATIMENTO

VERGONHA

dERROTA!

INSATISFAÇÃO

Com a realização do primeiro bloco do curso, as mulheres relataram que saíram mais **fortalecidas, satisfeitas e vitoriosas**, pois conseguiram, ao avaliar suas campanhas, resignificar a derrota, compreendendo os desafios e barreiras que mulheres enfrentam quando estão na política e, assim, vislumbrando novos caminhos. Isto também ocorre por perceberem a importância de participar de um processo eleitoral, pois elas saem mais fortalecidas e experientes para uma próxima etapa e uma próxima eleição - estando, inclusive, à frente de outros candidatos e candidatas que não possuem nenhuma experiência com política eleitoral.

DEPOIMENTOS APÓS A REALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO D'A TENDA



“[ME SINTO] MELHOR E MAIS DISPOSTA PARA CONTINUAR O PROJETO.”

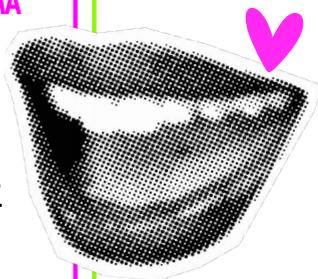
“ALÉM DE CONTENTAMENTO, SINTO QUE TENHO MAIS FERRAMENTAS PARA AVALIAR A CAMPANHA QUE PASSOU E SINTO INSTIGA PARA CONTINUAR, ANIMAÇÃO PARA PLANEJAR UMA PRÓXIMA.”





**“[ME SINTO] VITORIOSA!
AMPLIAMOS OS VOTOS, A BASE
ELEITORAL, O CONHECIMENTO
PARA ATUAR NA PRÓXIMA
CAMPANHA MUNICIPAL!”**

**“ESTÁ SENDO MUITO IMPORTANTE TROCAR
EXPERIÊNCIAS COM MULHERES DE TODO O PAÍS QUE
CONHECEM DE PERTO OS MESMOS DESAFIOS QUE UMA
CANDIDATURA PRETA E PERIFÉRICA ENFRENTA, ALÉM
DE PENSARMOS JUNTAS ALTERNATIVAS, TAMBÉM
CONTAMOS COM FORMAÇÕES DE PROFISSIONAIS
ESPECIALIZADOS EM DIVERSAS ÁREAS DE
CONHECIMENTO. O MAIS IMPORTANTE FOI SABER QUE
O QUE ACONTECEU COM MINHA CAMPANHA TAMBÉM
ACONTECEU COM OUTRAS MULHERES E QUE ISSO
NÃO ACONTECE POR ACASO TÃO POUCO POR NENHUMA
QUESTÃO PESSOAL MAS SIM POR UMA QUESTÃO
POLÍTICA ESTRUTURAL BASEADA NO PATRIARCADO E NO
RACISMO, SABER QUE EXISTEM MULHERES DISPOSTAS
A ROMPER COM OS CICLOS DE DESIGUALDADES DE
GÊNERO E RAÇA NA POLÍTICA PROVOCA EM TODAS NÓS,
UM SENSO DE COLETIVIDADE E MUITA VONTADE DE DAR
CONTINUIDADE A NOSSA LUTA.”**



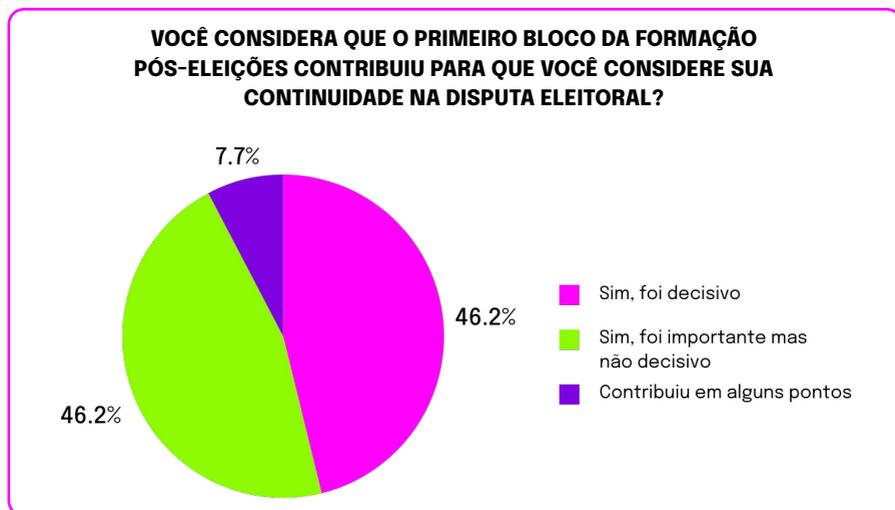


“COM O FIM DAS ELEIÇÕES, ABRIU-SE UMA VAZIO NA MINHA VIDA. SENTI SOLIDÃO, CULPA, VERGONHA E MUITO FRACASSO. TIVE VONTADE DE MORRER E SUMIR PARA SEMPRE. A TENDA ME SALVOU COLETIVAMENTE DESSE BURACO E ME FORTALECI PARA RETOMAR OS CAMINHOS DA DISPUTA POLÍTICA. SIGO ATENTA E FIRME PARA NÃO CAIR NAS ARMADILHAS DO RACISMO, DA LESBOFOBIA E DO SEXISMO. ENTENDER QUE EU NÃO ERA A ÚNICA NESSE POVO DE DOR, ME FEZ OLHAR FUNDO PARA AS ESTRUTURAS.”



“A TENDA É INCRÍVEL. ACREDITO MUITO NO TRABALHO DESENVOLVIDO POR TER SIDO/SER FUNDAMENTAL DENTRO DA MINHA TRAJETÓRIA POLÍTICA PARTIDÁRIA E ELEITORAL. CREIO QUE MUITAS MULHERES CHEGARÃO A LUGARES DE PODER INSTITUCIONAL POR MEIO D’A TENDA (CONSIDERANDO TODOS OS ÂMBITOS DE ATUAÇÃO DE LAURA E HANNAH E TODA EQUIPE). A ESCOLHA DOS PROFISSIONAIS SEMPRE É MUITO CUIDADOSA E COMPETENTE (...).”

A maioria das mulheres relata que a formação oferecida pela Tenda foi importante para que elas considerassem continuar na disputa eleitoral. Para 46,2% (correspondente a 6) a formação foi **decisiva para essa decisão**, e para outros 46,2% (correspondente a 6) a formação foi **importante**, ainda que não decisiva. Já para 7,7% (correspondente a 1) a formação contribuiu em alguns pontos para que ela chegasse à decisão de continuar na disputa eleitoral em uma próxima eleição.



Porém, ainda que estejam determinadas a seguir na política e a disputar as eleições de 2024, **muitas delas sugerem a violência política de gênero e raça e a falta de recursos financeiros como um dos motivos que as fariam desistir de disputar outra eleição.**

Entre os aprendizados que as mulheres adquiriram ao longo do curso, **elas destacam a importância da disputa política dentro do partido, das técnicas de comunicação e estratégias de marketing**, bem como a relevância de um bom planejamento para o desenvolvimento da campanha eleitoral. Também mencionam a importância de construir uma base eleitoral sólida e da permanência na política, sendo essas estratégias relevantes para a construção de uma carreira política.



5.



TRAJETÓRIA E CAPITAL POLÍTICO DAS MULHERES QUE JÁ DISPUTARAM ELEIÇÕES

5.1 MULHERES ATENDIDAS PELA TENDA QUE ATINGIRAM A SUPLÊNCIA

O sucesso eleitoral não significa, necessariamente, uma cadeira ou um mandato. Há avanços para a carreira política de todas as candidatas, mesmo para aquelas que não foram eleitas, já que esta é uma forma de se fazer conhecer no meio político e se apresentar e apresentar seu projeto político para a população, criando uma base eleitoral para uma eleição futura.

Há, portanto, conquistas importantes tanto para os não-eleitos (com o ganho de capital político e experiência eleitoral) como para aqueles que atingiram a suplência que, além do conhecimento sobre campanhas e capital adquiridos, também existe a perspectiva de assumirem o mandato (quando um titular deixa o cargo antes do término), conforme será descrito a seguir. Esta configuração em que são eleitos titulares de mandatos e suplentes permite que aqueles que atingiram a suplência também deem um passo importante em suas carreiras políticas.

Na política brasileira, ao ser eleita/o, um/a parlamentar deve cumprir um mandato de quatro anos, geralmente (para o cargo de senador são seis anos). Mas ela/e pode não cumprir todo o período, pois há possibilidade de afastamento do cargo a qualquer momento, desde que justificado.

Isto acontece por uma série de motivos: cassação, ausência por doença ou a conquista de um novo cargo público. Esta última não é uma situação incomum, uma vez que, como argumenta Miguel (2003), a carreira política no Brasil pode ser entendida como uma hierarquia, na qual o cargo de vereador está na base, sendo seguida por cargos no nível estadual, como deputado estadual e prefeito e, em seguida, deputado federal, até chegar ao cargo de Presidente da República, que estaria no topo.

Desse modo, muitos titulares, eleitos para posições na “base”, abrem mão de seus cargos antes do fim do mandato para assumirem outros cargos públicos, eletivos ou não eletivos. No caso dos cargos eletivos, uma eleição é realizada a cada dois anos e, assim, o titular pode concorrer neste momento para “saltar” um cargo e progredir em sua carreira política. Se estiver ocupando o cargo de vereador/a, nas eleições seguintes pode disputar outra posição no legislativo, como deputado estadual, deputado federal ou senador, ou no executivo, como governador, por exemplo. Já para os cargos não-eletivos, os titulares podem abrir mão de seus mandatos para exercer posições estratégicas nos governos municipal, estadual ou federal, em secretarias ou ministérios, por exemplo.

As experiências eleitorais permitem que os personagens políticos tenham acesso e expandam suas redes de contato, o que, por contraste, não é possível para um candidato que nunca disputou uma eleição. Como casos ilustrativos do que foi discutido até agora, abordaremos as trajetórias de duas lideranças políticas negras - Giorgia Prates e Janilce Magalhães - que passaram pela formação d'A Tenda das Candidatas em 2020 (quando eram pré-candidatas) e atingiram a suplência, tornando-se, posteriormente, vereadoras empossadas.





GIORGIA PRATES - CURITIBA, PARANÁ

“Me reconhecer lésbica não foi um B.O. tão grande; ser preta foi mais difícil”⁴⁶

Giorgia Prates é uma mulher cisgênero, negra, lésbica e militante antirracista e da causa LGBTQIA+. Nascida em São Paulo, em 1978, em uma família de origem trabalhadora - seu pai era metalúrgico e a mãe, líder comunitária, que dividia seu tempo entre as atividades de cuidado com o trabalho assalariado -, Georgia ingressou na universidade e se tornou tecnóloga em fotografia pela Universidade Tuiuti, com especialização em Jornalismo pela Faculdade Faveni, e atualmente estuda Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Como uma das lideranças políticas selecionadas para participar da formação d'A Tenda das Candidatas em 2020, ao se inscrever na formação, ainda em situação de pré-candidatura, ela apontou que suas principais bandeiras de luta eram os direitos das mulheres negras, a saúde da mulher negra, o direito à acessibilidade e o direito à moradia, temas pelos quais milita há muitos anos. Essas bandeiras são importantes por conta de sua vivência como mulher negra da classe trabalhadora que desde cedo em sua trajetória vivenciou o racismo no dia a dia em espaços que frequentava, seja na escola, na universidade ou no trabalho; e ainda na infância presenciou a luta por moradia em uma ocupação próxima à comunidade onde morava, na cidade de São Paulo.

⁴⁶ Trecho retirado da entrevista concedida por Giorgia Prates ao Brasil de Fato. A matéria foi publicada em 28 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/05/28/giorgia-prates-me-reconhecer-lesbica-nao-foi-um-b-o-tao-grande-ser-preta-foi-mais-dificil>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Em Curitiba, cidade para a qual se mudou e onde vive há mais de 18 anos, notou como as pessoas negras estavam à margem da sociedade e, motivada por essa constatação, Giorgia, que também é fotojornalista, artista e ativista de Direitos Humanos, buscou dar visibilidade para essas histórias a partir do fotojornalismo como instrumento de denúncia das injustiças sociais. Ela foi fotógrafa oficial do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (ONU Brasil) no Paraná e vencedora do prêmio Cannes, com o filme “O Uniforme Que Nunca Existiu” (2021). Por conta de sua trajetória, declarou no formulário de inscrição na formação d’A Tenda das Candidatas, já ter visibilidade midiática, o que pode ser considerado um importante capital político para a disputa de uma eleição, especialmente para aquelas candidatas novatas na política, que tem a oportunidade de ter sua imagem difundida e se tornar um rosto conhecido para os eleitores.⁴⁷

Em 2020, Giorgia Prates integrou, em conjunto com a líder comunitária Andrea Soares, a Mandata Coletiva das Pretas do Partido dos Trabalhadores, disputando pela primeira vez uma eleição. A Mandata foi uma das 25 candidaturas de mulheres pretas (correspondente a 6,3% das candidaturas de mulheres) que concorreram às eleições na cidade de Curitiba. Mulheres pretas e pardas somaram 68 candidaturas, o que totaliza 17,3% das candidaturas apresentadas à vereança da cidade, enquanto o total de candidatura de mulheres brancas foi aproximadamente 5 vezes maior: 324 candidaturas (correspondente a 82,2%)⁴⁸. O total de candidaturas de mulheres foi 33,8% (correspondente a 394), em contrapartida o de homens foi de 66,2% (correspondente a 772).

Em termos de campanha eleitoral, o total de despesas declaradas pela Mandata foi de R\$ 30.264,29, com o custo-voto de R\$ 8,44,⁴⁹ o que representa um valor inferior ao que muitos candidatos - em sua maioria homens - receberam nas eleições e, mesmo assim, não obtiveram resultados significativos em termos de votação⁵⁰. Entre os 38 eleitos para o cargo de vereador, somente 8 foram mulheres (correspondente a 21,1%), e 30

47 Cf. Ramos et al, 2020.

48 Consideramos apenas as candidaturas “aptas” divulgadas pelo TSE. Fonte: TSE. Resultados eleitorais.

49 Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. TSE. Mandata Coletiva das Pretas. Disponível em: <<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2020/2030402020/75353/160001202846>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

50 Em São Paulo, por exemplo, a campanha mais cara foi do vereador Milton Leite (DEM), no valor de R\$ 2,5 milhões, com custo-voto de R\$ 18,84. O vereador disputava a reeleição para seu sétimo mandato na Câmara Municipal de São Paulo. Já a campanha mais barata foi de Sonaira Fernandes (Republicanos), que teve como gasto total R\$ 5,9 mil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2020/noticia/2020/12/31/milton-leite-vereador-eleito-com-a-campanha-mais-cara-de-sp-gastou-423-vezes-mais-do-que-vereadora-com-menos-gastos.ghtml>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

foram homens (correspondente a 78,9%)⁵¹. Ao conquistar aproximadamente 3.582 votos, a Mandata atingiu a terceira suplência à Câmara Municipal de Curitiba⁵².

Já em 2023, com a saída dos vereadores titulares, Renato Freitas e Carol Dartora (eleitos para a Câmara dos Deputados em 2022), e da suplente Ana Júlia Ribeiro (eleita para a Assembleia Legislativa do Paraná), Giorgia assumiu o cargo de vereadora em Curitiba, se tornando a segunda vereadora negra da história daquela casa legislativa (a primeira foi Carol Dartora, eleita na mesma legislatura).



**JANILCE MAGALHÃES - SÃO GONÇALO,
RIO DE JANEIRO**

Janilce Magalhães, mulher negra, LGBT, mãe e avó, nasceu em São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 1972. Nas eleições de 2020, ela concorreu ao cargo de vereadora de sua cidade natal pelo PSOL.

Formada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Turismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Janilce Magalhães foi responsável pela reestruturação da Biblioteca Municipal de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. As principais pautas

51 Fonte: <https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2020/noticia/2020/11/15/veja-os-38-vereadores-eleitos-na-camara-de-curitiba.ghtml>

52 Câmara Municipal de Curitiba. Vereadora Giorgia Prates Mandata Preta (PT) | 1º mandato (2021-2024). Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.leg.br/vereadores/vereadores-18a-legislatura/giorgia-prates>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

apoiadas por ela - declaradas no formulário de inscrição da formação d'A Tenda das Candidatas -, são: as lutas feministas, os direitos LGBTQIAP+, o combate à intolerância religiosa e ao racismo.

Nas eleições de 2020, ela disputou a corrida eleitoral pela primeira vez. As mulheres totalizaram 312 (correspondente a 30,8%) das candidaturas apresentadas à vereança em São Gonçalo, contra 700 (correspondente a 69,2%) candidaturas de homens. Entre as candidaturas de mulheres, 96 (correspondente a 30,8%) eram pretas e 83 (correspondente a 26,6%) eram pardas, o que representa uma maioria de candidaturas de mulheres negras (57,4% correspondente a 179). Já as brancas somaram 124 candidaturas (correspondente a 39,7%)⁵³.

Janilce recebeu 508 do total de votos; e os gastos com a campanha totalizaram R\$ 2.069,00⁵⁴, o que representa um custo-voto de R\$ 4,07. Essa votação lhe garantiu a conquista da suplência ao cargo de vereadora por São Gonçalo, no Rio de Janeiro.

Em 2023, Janilce Magalhães assumiu como vereadora na Câmara Municipal de São Gonçalo, em substituição ao Professor Josemar, eleito para como deputado estadual nas eleições de 2022⁵⁵. Atualmente, ela é uma das 4 vereadoras na Câmara de São Gonçalo, o que representa 14,8% daquela casa legislativa, contra 85,2% (correspondente a 23) de vereadores - e a única mulher negra⁵⁶.

Há semelhanças entre as trajetórias de Giorgia Prates e Janilce Magalhães, as quais apresentamos nesta seção. Suas características evidenciam um perfil de liderança política, engajadas com as lutas pelos direitos humanos e comprometidas com o avanço de pautas progressistas em suas comunidades.

A formação ofertada pel'A Tenda teve o papel de contribuir com a atuação dessas mulheres, que já possuíam uma trajetória de militância - ainda que não nos âmbitos tradicionais de participação política ou na política institucional - e atuavam em suas comunidades promovendo a igualdade de gênero e combatendo as injustiças sociais. As eleições de 2020 foram a

53 A categoria "Não informado" representa 2,9% (correspondente a 9) das candidaturas de mulheres. Fonte: TSE. Resultados eleitorais.

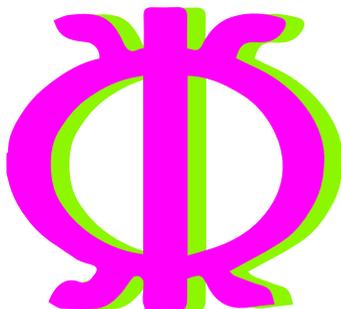
54 TSE. Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. Janilce Magalhães. Disponível em: <<https://divulgacaocandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2020/2030402020/58971/190000857231>>. Acesso em 26 jun. 2023.

55 Câmara Municipal de São Gonçalo. Janilce Magalhães é empossada como a mais nova vereadora. Disponível em: <<https://www.cmsg.rj.gov.br/noticias/janilce-magalhaes-e-empossada-como-a-mais-nova-vereadora/>>. Acesso em: 26 jun. 2023

56 Câmara Municipal de São Gonçalo. Vereadores 2021-2024. Disponível em: <<https://www.cmsg.rj.gov.br/processo-legislativo/vereadores/>>. Acesso em 26 jun. 2023.

primeira eleição para 59,8% (correspondente a 116) das mulheres inscritas na formação 2021/2022 d'A Tenda das Candidatas; enquanto uma quantidade menor já havia concorrido (10,8% correspondente a 21), mas não haviam sido eleitas; e 2,1% (correspondente a 21) já haviam competido e sido eleitas.⁵⁷

Quando Giorgia passou pela formação, em 2020, A Tenda pôde contribuir com sua capacitação com aulas que enfatizaram o conhecimento específico sobre estratégias para a realização de campanhas eleitorais, bem como preparação psicológica e emocional para a realização de uma campanha, e das regras formais e informais que regem a disputa partidária e eleitoral. Janilce não fez a formação 2020 d'a Tenda para as Eleições Municipais daquele ano, mas ingressou na formação na formação 2021/2022 d'A Tenda das Candidatas como suplente de vereadora para garantir uma formação continuada e também estar numa rede de mulheres que disputam o campo eleitoral partidário. Assumiu o cargo de vereadora em 2023 depois de ter participado dessa que foi uma capacitação com 30 aulas, sendo 60 horas de aula⁵⁸.



5.2. MULHERES ATENDIDAS PEL'A TENDA EM 2021/2022 QUE NÃO VENCERAM AS ELEIÇÕES, MAS GANHARAM CAPITAL POLÍTICO

Entre as mulheres que foram atendidas em 2021/2022 pel'A Tenda, algumas conquistaram a suplência, enquanto outras não conseguiram, mas adquiriram experiência para as próximas eleições. Participar de um ciclo eleitoral, mesmo não tendo sido eleita, torna essas mulheres candidatas mais fortes para futuras disputas, pois elas já aprenderam como construir uma campanha política e se tornaram figuras mais conhecidas dentro do partido e junto ao eleitorado, o que fortalece ainda mais o capital político adquirido nessa experiência. Esse é o caso de duas mulheres atendidas pel'A Tenda, Ingra Costa e Ailce Moreira, que, vindas de diferentes regiões do país e com perfis distintos, possuem trajetórias políticas relevantes e se destacam como lideranças progressistas.

⁵⁷ Para mais informações sobre o perfil de mulheres inscritas nas formações d'A Tenda das Candidatas, acesse a pesquisa "Combatendo a sub-representação de gênero e raça na Política (2020-2022): o impacto do projeto A Tenda das Candidatas" (2023). Disponível em: <<https://atendadascandidatas.org/pesquisa-combatendo-a-sub-representacao-de-genero-e-raca-na-politica-2020-2022/>>.

⁵⁸ Foram ministradas 17 aulas ao vivo e disponibilizadas no canal d'A Tenda das Candidatas no Youtube. Para assistir as aulas, acesse: <https://www.youtube.com/@ATendadasCandidatas>.



INGRA COSTA - PASSO FUNDO, RIO GRANDE DO SUL

Ingra Costa é uma mulher bissexual, feminista e antirracista, nascida em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, em 1991. Formada em Comunicação Social – Jornalismo, trabalhou em veículos como “O Nacional”, “Rádio Uirapuru” e “Zero Hora”, e foi redatora, apresentadora e produtora de conteúdo no Sindicato dos Professores Municipais de Passo Fundo. Especialista em Mídias Sociais e em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo e mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Ingra foi uma das mulheres atendidas na mentoria d’A Tenda das Candidatas na temporada de 2020.

Após concluir a formação, Ingra disputou sua primeira eleição municipal pelo PSOL⁵⁹. Entre os 220 candidatos que concorreram às 21 vagas da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, apenas quatro mulheres foram eleitas. Naquela eleição, o total de despesas de campanha foi de R\$ 6.390,90. Embora não tenha sido eleita, sua experiência de campanha e atuação destacada no PSOL a levaram a ser convidada para assumir o cargo como assessora da deputada estadual Luciana Genro, função que exerce atualmente.

Em 2022, Ingra concorreu a uma vaga na Câmara dos Deputados, e, com a conquista de 4.169 votos, obteve a suplência do cargo de deputado federal. O total de despesas de sua candidatura foi de R\$ 73.422,86, ou seja, aproximadamente 12 vezes mais do que recebeu na eleição anterior,

59 Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. TSE. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/SUL/RS/2030402020/210001161646/2020/87858>

resultando em um custo-voto de R\$ 17,61, valor bem abaixo dos gastos de muitos candidatos que disputaram o mesmo cargo. O aumento no financiamento com relação à 2020 deve-se, em parte, à natureza do cargo que disputou, assim como por se tratar da candidatura de alguém que já tinha experiência política e, por isso, recebeu maior investimento do partido⁶⁰.



AILCE MOREIRA - RECIFE, PERNAMBUCO

Ailce Moreira é uma mulher preta, artista, ativista, evangélica, progressista e feminista. Nascida em Recife, no Pernambuco, em 1986, Ailce formou-se em Comunicação Social - Jornalismo e licenciou-se em Dança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É também mestra pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPE e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)⁶¹. Além de atuar como pesquisadora de dança e do audiovisual, é servidora pública estadual.

Em 2022, Ailce participou da formação d'A Tenda para as eleições daquele ano e, posteriormente, disputou uma vaga como deputada estadual pelo PSOL, alcançando a suplência⁶². Para essas eleições, o total de despesas

60 Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. TSE. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/SUL/RS/2040602022/210001596932/2022/RS>

61 Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. TSE. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/NORDESTE/PE/2040602022/170001618400/2022/PE>

62 "Ailce Moreira lança livro "Nexos, Dramaturgias e Videodança"; saiba mais". Folha de Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/ailce-moreira-lanca-livro-nexos-dramaturgias-e-videodanca-confira/278128/>. Acervo da Dança. Disponível em: <https://acervorecordanca.com/institucional/>

foi de R\$ 78.013,32. Ter passado por um ciclo eleitoral, mesmo sem ter sido eleita, fortaleceu sua candidatura para as eleições seguintes. Além disso, de acordo com ela, sua participação na formação pós-eleições d'A Tenda foi um fator decisivo para sua continuidade no cenário político.

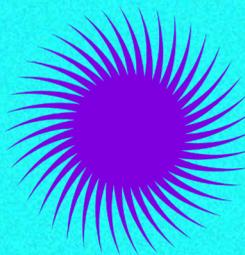
Sobre a formação pós-eleições, Ailce ressalta que, além da diversidade de temas, a formação foi importante por apresentar uma

“(...) complementação entre eles [os temas] que foram importantíssima tanto para saber o que ainda precisa ser feito em relação à campanha que se encerrou, passando por um olhar de cuidado com o nosso momento agora e ajudando a projetar/planejar e criar estratégias para o tempo entre campanhas e a próxima campanha”.

Ela ainda destaca o papel das aulas ao proporcionar uma **“(...) oportunidade de olhar para mim mesma e aceitar as necessidades de agora, sem achar que estou desistindo ou saindo da luta”**, evidenciando a relevância da formação em criar um espaço de troca e apoio para as mulheres que não foram eleitas. Além disso, Ailce relata que a formação lhe ofereceu ferramentas para avaliar a campanha, motivando-a a continuar e a planejar as próximas eleições e etapas de sua carreira.

Para Ailce, A Tenda representa um lugar seguro, que oferece formação e capacitação, bem como a criação de redes de apoio e troca entre mulheres defensoras dos direitos humanos que estão lutando para ocupar o campo político eleitoral, sendo fundamental para seu processo de formação política. Ela ingressou na formação d'A Tenda das Candidatas 2023/2024 para as eleições de 2024 e teve uma candidatura prioritária para a Câmara dos Vereadores de Recife, obtendo, mais uma vez, a suplência.





CONCLUSÃO

A política ainda é um espaço dominado por homens - entre candidatos, legisladores e lideranças partidárias -, dada a construção histórica desse espaço, é, por vezes, hostil e violenta para as mulheres, em especial mulheres negras e indígenas, que não estão, tradicionalmente, nos espaços de poder e tomada de decisão. Elas são alvos constantes de violência política de gênero e raça quando tentam acessar a política partidária ou ao se apresentarem como candidatas, disputando poder político com homens; são sujeitas a ameaças, difamação e desqualificação; e, quando eleitas, são excluídas de espaços dentro dos partidos e dos parlamentos, e não são indicadas como representantes de comissões, líderes de partidos ou relatoras de projetos, além de serem as mais afetadas pela divisão sexual e racial do trabalho, entre outros inúmeros exemplos de exclusão de mulheres na política.

Neste contexto, realizar uma campanha eleitoral é um processo que exige muito das mulheres, em especial quando não se tem experiência prévia com a construção de campanhas, nem o apoio psicológico e emocional para enfrentar um processo eleitoral que é muito violento para mulheres, sobretudo negras e o que este processo todo envolve, como as negociações com o partido, a preparação de materiais de campanha, as estratégias de divulgação de candidatura, bem como a administração de canais de comunicação e a prestação de contas ao término do processo eleitoral.

Deste modo, comprometida com o combate da sub-representação de gênero e raça na política, com a democratização do acesso à formação política e às ferramentas de campanha eleitoral, A Tenda das Candidatas atua com estratégias de capacitação, ações de conscientização social e política, incidência política e legislativa para promover a participação e representação de mulheres, sobretudo negras, na política.

Partindo destes princípios orientadores, A Tenda das Candidatas trabalha na construção de redes de apoio de lideranças políticas, promovendo o debate público sobre a importância da participação e representação de mulheres e incidindo política e legislativamente na promoção da equidade de gênero e raça. **Essa atuação se dá em função da convicção de que uma democracia forte só pode existir quando todos os grupos sociais e raciais estiverem proporcionalmente representados nos espaços de tomada de decisões que impactam diretamente suas vidas.**

Neste contexto de sub-representação política de mulheres, sobretudo de mulheres negras, indígenas PCD e LGBTQIA+, **A FORMAÇÃO CONTINUADA D'A TENDA DAS CANDIDATAS PASSA A SER UMA ESTRATÉGIA FUNDAMENTAL PARA O ACOMPANHAMENTO DE MULHERES QUE DESEJAM TER ATUAÇÃO POLÍTICA. AO PARTICIPAR DE TODO O PROCESSO FORMATIVO, ACOMPANHANDO ESSAS MULHERES EM SUAS TRAJETÓRIAS POLÍTICAS,** A Tenda contribuiu para a capacitação de mulheres que se tornam mais preparadas para enfrentar os obstáculos que se colocam diante delas quando estão na política, como os desafios estruturais de ser uma mulher na política, a falta de recursos para a realização das campanhas, estratégias para gerir voluntários e equipes de campanha, bem como lidar com o machismo e racismo que enfrentam na política, seja de conhecidos, como colegas de partido ou dirigentes, ou de desconhecidos, como a violência política oriunda de ataques nas redes sociais e nas ruas.

A Tenda das Candidatas investe, portanto, na formação de mulheres defensoras dos direitos humanos, preparando-as para a disputa eleitoral (conforme apresentado nos capítulos anteriores) e apresentando as ferramentas necessárias para que elas possam participar do jogo político-eleitoral, se tornando mais preparadas psicológica e emocionalmente para disputar eleições, assim como para contribuir com as campanhas de outras lideranças políticas.

Como já discutido ao longo desta pesquisa, os principais pontos abordados na formação são as regras eleitorais explícitas e implícitas- para entendimento do jogo político -, comunicação política e o uso de redes sociais como ferramenta de campanha. Entender o jogo partidário-eleitoral permite que elas consigam participar concretamente da política, além de estarem mais qualificadas para contribuir com a campanha de outras mulheres. Estes são aspectos fundamentais para que as mulheres saiam preparadas para acessar a política e, assim, disputar espaço de poder político com homens.

“(...) Ressalto essas experiências pela diversidade de assuntos, mas pela complementação entre eles que foram importantíssimas tanto para saber o que ainda precisa ser feito em relação à campanha que se encerrou, passando por um olhar de cuidado com o nosso momento agora e ajudando a projetar/planejar e criar estratégias para o tempo entre campanhas e a próxima campanha”. (Candidata negra que participou da Formação pós-eleições d'A Tenda das Candidatas).

Todas as mulheres que participaram da Formação pós-eleições 2022 já haviam participado de formação anterior com A Tenda das Candidatas, o que reforça a importância desse acompanhamento realizado pela organização - como um investimento na carreira dessas mulheres -, pois

não as deixa desamparadas após o fim do processo eleitoral. Com isso, a partir da oferta de uma formação gratuita e acessível às mulheres líderes políticas - todas a formação são realizadas de forma remota, o que permite que mulheres de todo o Brasil possam participar - elas encontram motivação para almejar acesso à política institucional e buscar novos caminhos para construir uma carreira política e disputar novas eleições. Assim, são instruídas com olhar combativo e consciente das desigualdades raciais e de gênero e, uma vez que acessem as legislaturas, sabem o caminho da luta para contestar o status quo e promover mudanças relevantes em termos de produção de políticas públicas em direitos humanos que proporcionem o avanço dos direitos das mulheres e da sociedade como um todo - e, principalmente, transformando as vidas dos grupos que são historicamente mais negligenciados e marginalizados, como é o caso de pessoas negras, indígenas, quilombolas, LGBT+ e PCD.

O QUE A TENDA DAS CANDIDATAS REPRESENTA

No formulário de inscrição foi solicitado às mulheres que passaram pela Formação Pós-Eleições que descrevessem A Tenda das Candidatas. Elas caracterizam a organização **como um espaço de acolhimento e troca de experiências, que trabalha na construção coletiva para mulheres na política**. Ainda mencionaram a importância do projeto que, por meio de formações e capacitações, atua empoderando mulheres, principalmente negras, indígenas, quilombolas, LGBT+ e PCD em suas carreiras políticas.

PARA VOCÊ, O QUE A TENDA DAS
CANDIDATAS REPRESENTA?

“VIDA”

“ESTEIO”

“COLO, ÚTERO E ESTRATÉGIA”

“PROJETO COLETIVO DE LUTA DAS MULHERES NA POLÍTICA”



“UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE DE FORMAÇÃO PARA MULHERES QUE ESTÁ NA BASE DA PIRÂMIDE SOCIAL. QUE AS MUITAS DAS VEZES NÃO TEM OPORTUNIDADE DE ADQUIRIR OS CONHECIMENTOS NECESSÁRIAS PARA ESSA DISPUTA TÃO DESIGUAL, QUE É A DISPUTA POLÍTICA PARTIDÁRIA.”



“UM ESPAÇO DE ACOELHIMENTO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E DE VIDA. UM PROJETO COLETIVO QUE EMPODERA E FORMA MULHERES PRETAS E PERIFÉRICAS PARA OCUPAR ESPAÇOS POLÍTICOS DE TOMADA DE DECISÕES EM TODO PAÍS”

“LUGAR SEGURO; FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO; CRIAÇÃO DE REDES DE RELACIONAMENTO, APOIO E TROCA; FUNDAMENTAL NO MEU PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA-ELEITORAL.”



“MINHA ESPERANÇA DE COLETIVIDADE E CONSTRUÇÃO POLÍTICA.”

“LUGAR SEGURO; FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO; CRIAÇÃO DE REDES DE RELACIONAMENTO, APOIO E TROCA; FUNDAMENTAL NO MEU PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA-ELEITORAL.”

“UMA FERRAMENTA REVOLUCIONÁRIA DE FORTALECIMENTO E PROSPECÇÃO DE MULHERES. A TENDA É NECESSÁRIA E FAZ TODA A DIFERENÇA NO ‘CONSTRUIR UMA CAMPANHA.’”



MINHA ESPERANÇA DE COLETIVIDADE E
CONSTRUÇÃO POLÍTICA. “MINHA ESPERANÇA
DE COLETIVIDADE E CONSTRUÇÃO POLÍTICA

LUGAR SEGURO; FORMAÇÃO,
CAPACITAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO;
CRIAÇÃO DE REDES DE
RELACIONAMENTO, APOIO E TROCA;
FUNDAMENTAL NO MEU PROCESSO DE
FORMAÇÃO POLÍTICA-ELEITORAL.

PROJETO
COLETIVO
DE LUTA
DAS
MULHERES
NA POLÍTICA

LUGAR

PROJETO COLETIVO DE LUTA
DAS MULHERES NA POLÍTICA

ESTRATÉGIA

UM ESPAÇO DE ACOANHIMENTO DE TROCA DE
EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E DE VIDA. UM PROJETO
COLETIVO QUE EMPODERA E FORMA MULHERES
PRETAS E PERIFÉRICAS PARA OCUPAR ESPAÇOS
POLÍTICOS DE TOMADA DE DECISÕES EM TODO PAÍS

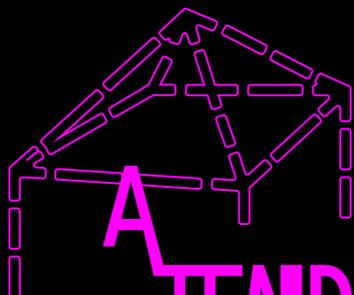
UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE DE FORMAÇÃO PARA MULHERES QUE
ESTÁ NA BASE DA PIRÂMIDE SOCIAL. QUE AS MUITAS DAS VEZES NÃO TEM
OPORTUNIDADE DE ADQUIRIR OS CONHECIMENTOS NECESSÁRIAS PARA ESSA
DISPUTA TÃO DESIGUAL, QUE A DISPUTA POLÍTICA PARTIDÁRIA.

LUTA
COLO

ESTRATÉGIA

VIDA

UMA FERRAMENTA
REVOLUCIONÁRIA DE
FORTALECIMENTO
E PROSPECÇÃO DE
MULHERES. A TENDA
É NECESSÁRIA E FAZ
TODA A DIFERENÇA
NO ‘CONSTRUIR UMA
CAMPANHA.

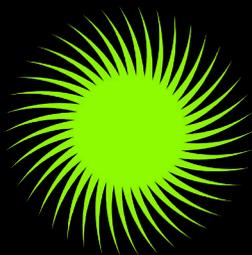


A
TENDA
DAS CANDIDATAS

LUTA

ESTEIO

LUGAR



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ailce Moreira lança livro “Nexos, Dramaturgias e Videodança”; saiba mais”. **Folha de Pernambuco**. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/ailce-moreira-lanca-livro-nexos-dramaturgias-e-videodanca-confira/278128/>>

ASTROLABIO, Laura; MARUCI. Capacitação dá apoio emocional a candidatas mulheres que não foram eleitas. In: **Uol**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2022/12/05/ressaca-pos-eleicoes-um-fenomeno-de-genero-raca-e-classe.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

ASTROLABIO, Laura; MARUCI, Hannah; (coord). **Combatendo a sub-representação de gênero e raça na política (2020 - 2022)**. Rio de Janeiro: Ed. das Autoras, 2023. Disponível em: <<https://atendadascandidatas.org/pesquisa-combatendo-a-sub-representacao-de-genero-e-raca-na-politica-2020-2022/>>.

AVRITZER, Leonardo; ANASTASIA, Fátima. **Reforma política no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, 271 p.

Câmara Municipal de Curitiba. Vereadora Giorgia Prates Mandata Preta (PT) | 1º mandato (2021-2024). Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.leg.br/vereadores/vereadores-18a-legislatura/giorgia-prates>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Câmara Municipal de São Gonçalo. Janilce Magalhães é empossada como a mais nova vereadora. Disponível em: <<https://www.cmsg.rj.gov.br/noticias/janilce-magalhaes-e-empossada-como-a-mais-nova-vereadora/>>. Acesso em: 26 jun. 2023

CAPELA, Maria de Fátima; SCHAEFER, Márcia Inês. Formação política para mulheres promovida por movimentos sociais, coletivos e institutos: uma estratégia de enfrentamento das desigualdades de gênero na política eleitoral no Brasil. **Boletim Lua Nova**. 2022. Disponível em: <<https://boletimluanova.org/formacao-politica-para-mulheres-promovida-por-movimentos-sociais-coletivos-e-institutos/>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

CARDOSO, Evorah; MARUCI, Hannah. “PEC da Anistia e o cinismo dos partidos políticos”. In: **Gênero e Número**. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/artigos/pec-anistia/>>.

Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. **DivulgaCand TSE**. Disponível em: <<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

Eleições 2022: mulheres são a maioria do eleitorado brasileiro. In: **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Estatísticas – Eleições 2022. **TSE Mulheres**. Justiça Eleitoral. Disponível em: <<https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/>>. Acesso em 26 mai. 2023.

GDP (current US\$). All countries and economies. **World Bank**. 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?most_recent_value_desc=true>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Inter-Parliamentary Union. **IPU Parline**: Monthly ranking of women in national parliaments. 2023. Disponível em: <<https://data.ipu.org/women-averages?month=4&year=2023>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Inter-Parliamentary Union. **IPU Parline**: Monthly ranking of women in national parliaments. 2023. Disponível em: <<https://data.ipu.org/women-ranking?month=4&year=2023>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Institucional. **Acervo da Dança**. Disponível em: <<https://acervorecordanca.com/institucional/>>

Instituto Marielle Franco. **A violência política contra as mulheres negras**. 2020. Disponível em: <<https://www.violenciapolitica.org/>>. Acesso em: 08 jun. 2023

KROOK, M.; RESTREPO, S. Gender and political violence in Latin America". **Política y Gobierno**, v. 23, n. 1, p. 125-157, 2016.

"Margareth Buzetti assume mandato durante licença de Carlos Fávaro". In: **Agência Senado**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/07/margareth-buzetti-assume-mandato-durante-licenca-de-carlos-favaro>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

MIGUEL, L. F. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. **Revista de Sociologia e Política**, n. 20, p. 115-134, jun. 2003.

"Perfil médio do deputado federal eleito é homem, branco, casado e com ensino superior". In: **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/21/perfil-medio-do-deputado-federal-eleito-e-homem-branco-casado-e-com-ensino-superior.html>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PINHO, T. R. de. Debaixo do Tapete: A Violência Política de Gênero e o Silêncio do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados. **Revista Estudos Feministas**, n. 28, v. 2, p. 1-14, 2020.

PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. In: **Agência de notícias IBGE**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

RAMOS, Luciana. et al. **Candidatas em jogo**: um estudo sobre os impactos das regras eleitorais na inserção de mulheres na política. São Paulo: FGV Direito SP, 2020. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/29826>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

Resultados Eleições 2022. Deputado Federal. In: **TSE**. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/g%C3%AAnero?p0_cargo=Deputado%20Federal&session=109209234544975>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Resultados Eleições 2022. Senador. In: **TSE**. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/g%C3%AAnero?p0_cargo=Senador&session=203593020180635>

SACCHET, T.; SPECK, B. Financiamento Eleitoral, Representação Política e Gênero: uma análise das eleições de 2006. **Opinião Pública**. Campinas. V.18, n.1, junho, p.177-197, 2012.

"Senadores em Exercício 57ª Legislatura (2023 - 2027)". In: **Senado Federal**. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/em-exercicio/-/e/por-sexo>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

"Suplente da ex-senadora Juíza Selma toma posse no Senado". In: **Agência Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-04/suplente-da-ex-senadora-juiza-selma-toma-posse-no-senado>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

"TRE condena deputado Rodrigo Amorim por violência política de gênero". **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/tre-condena-deputado-rodri-go-amorim-por-violencia-politica-de-genero>.

"Três suplentes tomam posse em substituição a senadores que assumiram ministérios". In: **Agência Senado**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/02/tres-suplentes-tomam-posse-em-substituicao-a-senadores-que-assumiram-ministerios>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

"Violência política de gênero: Brasil registra sete casos a cada 30 dias". **Conselho Nacional de Justiça**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/violencia-politica-de-genero-brasil-registra-sete-casos-a-cada-30-dias>.

ORGANIZAÇÕES E INICIATIVAS BRASILEIRAS

Elas no Congresso. Disponível em: <<https://www.elasnocongresso.com.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Elas no Poder. Disponível em: <<https://elasnopoder.org/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Impulsa.Voto. Disponível em: <<https://www.impulsa.voto/sobre-impulsa/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Iniciativa Brasilianas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/iniciativabrasilianas/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Instituto Alziras. Disponível em: <<https://www.alziras.org.br/oquefazemos#RelatoriodeAtividades>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Instituto Vamos Juntas. Disponível em: <<https://institutovamosjuntas.org/sobre/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Quero Você Eleita. Disponível em: <<https://www.querovoceeleita.com.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Mulheres Negras Decidem. Disponível em: <<https://mulheresnegrasdecidem.org/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Meu Voto Será Feminista. Disponível em: <<https://www.meuvotoserafeminista.com.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Rede A Ponte. Disponível em: <<https://redeaponte.org/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Vote LGBT. Disponível em: <<https://votelgbt.org/>>, Acesso em: 30 mai. 2023.

Vote Nelas. Disponível em: <<https://votenelessp.com.br/>>, Acesso em: 30 mai. 2023.

ORGANIZAÇÕES E INICIATIVAS INTERNACIONAIS

Comunidad Mujer. Disponível em: <<https://comunidadmujer.cl/>>

Equipo Latinoamericano de Justicia y Género (ELA). Disponível em: <<https://ela.org.ar>>

Elect Her. Disponível em: <<https://www.elect-her.org.uk/>>

Emily's List. Disponível em: <<https://emilyslist.org/>>

LGBTQ+ Victory Institute. Disponível em: <<https://victoryinstitute.org/>>

Movimiento Manuela Ramos. Disponível em: <<https://www.manuela.org.pe/>>

National Alliance of Women's Organisations. Disponível em: <<https://nawo.org.uk>>

She Should Run. Disponível em: <<https://sheshouldrun.org/>>

Vote Mamma Foundation. Disponível em: <<https://www.votemamafoundation.org/>>



<https://atendadascandidatas.org/>